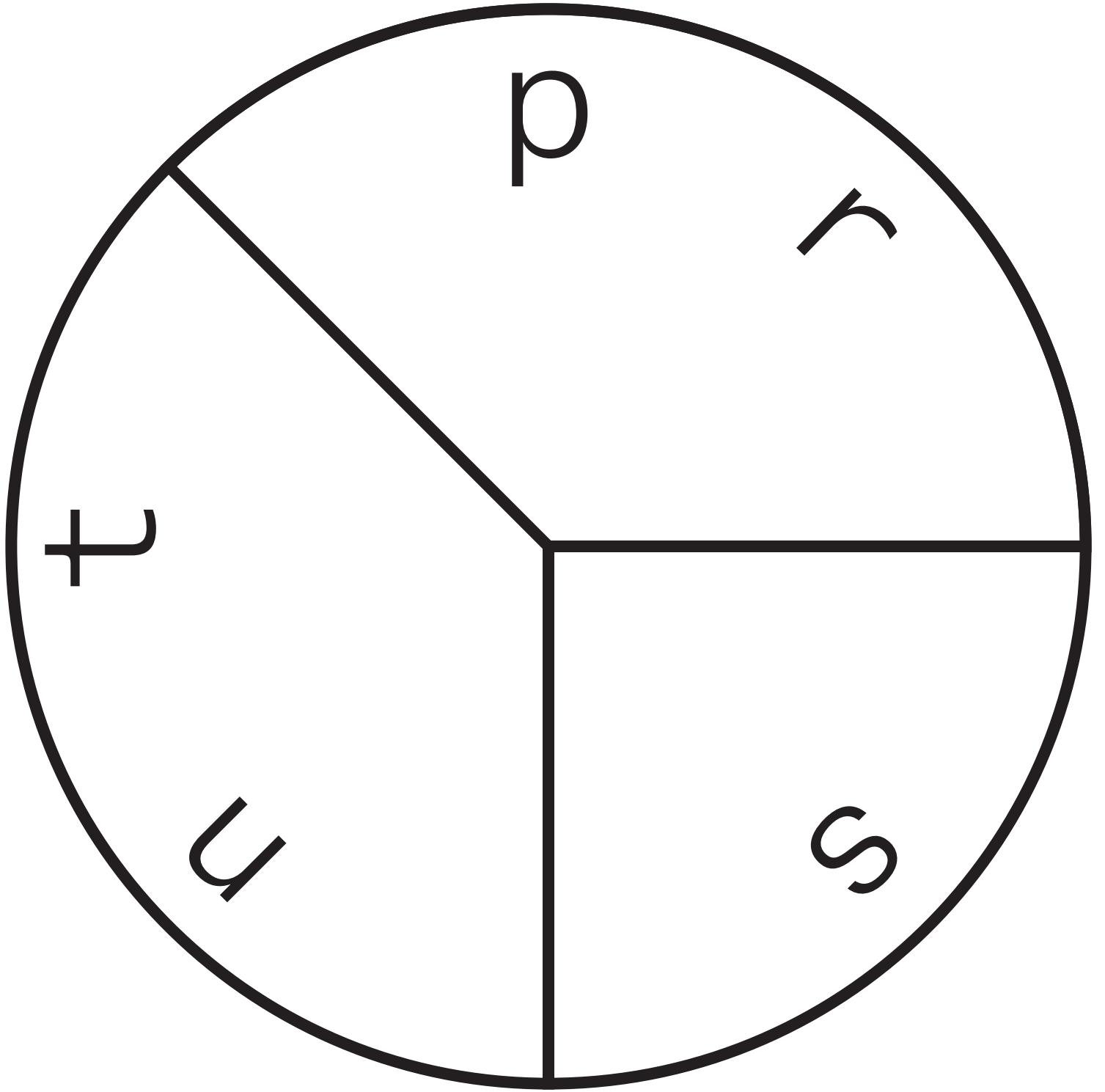
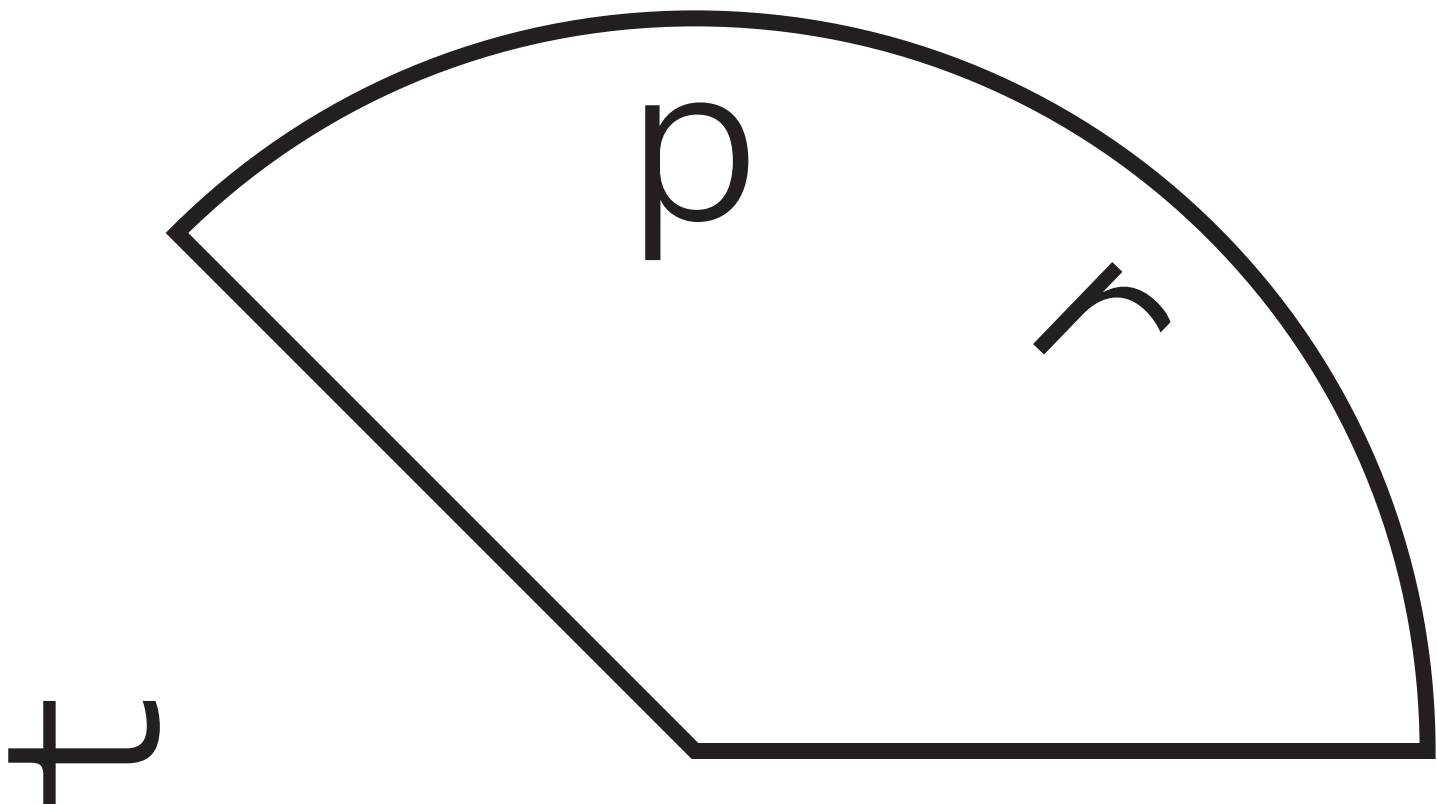


presente agosto 2021





u

s

p

r

t

u

s

Schiii...

Com ira santa vomito cobras e lagartos,
a ditadura dos militares - violência repetida,
e a intolerante burrice da humanidade.

Expilo-os a jatos contínuos, boca escancarada,
igual ao leão das fontes romanas.

Sob meus pés, a minha imagem refletida na poça que não é água,
é sangue e fatídicos-purulentos sucos gástricos.

Schiii...

Oh! Que náusea.

Rio de Janeiro, 1996

presente é uma publicação digital trimestral proposta por Anna Maria Maiolino e Paulo Miyada. Seu foco são correspondências e outros formatos de textos e produções feitas entre duas ou mais pessoas. Seu lar é o campo das artes visuais no Brasil, mas ela pode também se aventurar longe de casa. Sua língua materna é o português e cada edição será acompanhada de traduções para o inglês. Sua feição é simples e direta, seu assunto é o presente.

Presente é o tempo verbal que se refere ao agora. É também a interjeição enunciada pelos estudantes ao responderem à chamada escolar. É, ainda, um substantivo que remete à ideia de dádiva, princípio fundamental das sociedades humanas, que antecede e transborda em muito a noção do dinheiro, da troca mercantil e da economia de acumulação, exploração e especulação.

presente, a publicação, é um gesto de abrigo que convida a pensarmos juntos, desde o meio do furacão.

Gratuita, ela pode ser distribuída livremente desde que sem fins lucrativos. Caso haja o desejo de propor novas correspondências para edições futuras, escreva para nós.

- 05 **Schiii..., 1996**
Anna Maria Maiolino
- 06 **Apresentação**
- 08 **Correspondência 1**
Grupo MEXA e Paloma Durante
- 25 **Carta-compressa**
Davi de Jesus do Nascimento
- 32 **Correspondência 3**
Eleonora Fabião e Izabela Pucu
- 55 **Correspondência 4**
Ines Goldbach e Paulo Miyada
- 71 **Correspondência 5**
Edimilson de Almeida Pereira e Marina Camargo
- 82 **O vulcão é a vigília**
Julia de Souza
- 87 **Carta a quem me lê**
Paloma Durante



Eu queria escrever uma carta bonita, a mais bonita do mundo, mas desconfio que terei que me conformar com o que me é possível no momento. Eu tenho disso: quero sempre tudo em exagero, em enormes quantidades, acho que ter tudo é um direito de todo mundo: o paraíso é o mínimo. Também por isso, encasqueto com algumas coisas de vez em quando e não consigo ir adiante até que as resolva. Por exemplo, não consigo abrir mão de escrever essa carta para falar sobre travessias. Li, ou acho que li, faz algum tempo, um texto de Paul B. Preciado que fazia um paralelo entre a sua experiência de transição de gênero e a situação de um corpo imigrante/refugiado: ambos cindidos por uma viagem que os transformará em outres por conta de um deslocamento. Essa ideia reverberou demais em mim porque eu já estive nessa condição de imigrante e desconfio que nunca me recuperei dela. Quem me olha na rua acha que eu sou o que sou, integrada, não sabe que dentro de mim estou rasgada em duas línguas (penso de dois jeitos ao mesmo tempo) e isso me faz ter duas bordas que me convocam a atravessar de um lado para o outro o tempo todo - porque optar por um único lado me soa sempre insuficiente; há coisas que só existem em uma das bordas, há coisas que só na outra. Conto de meu pai: meu pai nunca falou o português e já não fala mais o espanhol. Meu pai fala um idioma composto pelos muitos lugares em que ele já esteve e, o que acho mais interessante, é que ele não sustenta a narrativa de uma deriva melancólica à la Ulisses (esse sentir nostálgico que faz da terra que o concebeu seu sonho e delírio); meu pai é uma espécie de argonauta, ele gosta mesmo é de incansavelmente percursor o mundo - e quanto mais adiante caminha, o dobro deixa para trás, inclusive sua comunicabilidade formada, de repente, só por acúmulos. Mas não é sobre meu pai que quero dizer, e sim sobre esse texto do Preciado que eu li e nunca mais encontrei. Até comprei "Um apartamento em Urano" para ver se ele estava por ali, entre os artigos, mas não estava. Algo similar ao que tinha na memória está apontado na introdução, mas não, não é o que li (e agora, começo mesmo a achar que eu inventei um duplo desse texto que só existe na minha cabeça e que me torna incapaz de reconhecer a fonte - mais uma das coisas que encasquetei). *Um sentir é o do sentente, mas o outro é o do sentidor.* Deixa eu dizer que, depois de muitos anos, foi o Preciado quem me ajudou a entender melhor o conto "A terceira margem do rio", do Guimarães [Rosa]. Por muito tempo, achei que a terceira margem fosse sobre essa suspensão entre a vida e a morte, mas depois reformulei, olha só: a terceira margem é essa possibilidade de existir entre

e em travessia, sem nunca fincar propriedade nem em um lado e nem do outro. Olha como isso é precioso: não ser nem a flecha de Ulisses, que se desloca de um lugar para outro ansiosa em acertar o alvo (mesmo com todos os contratemplos), nem a força centrípeta de Jasão e seus argonautas, que te impele a estar sempre adiante e, por isso mesmo, em um ciclo vicioso de estar sempre outre sem entender o que colou no corpo. É o pai que aparece no conto da terceira margem, em sua simplicidade de barqueiro (ou podemos evocar, já que sei lá porque povoei esse texto com um monte de homi-grego-besta, um devir-Caronte), que inaugura essa outra possibilidade que é o de existir em uma espiral, no trajeto de quem vai e volta, às vezes em uma altura da margem, às vezes em outra, mais para baixo dependendo do curso do rio, mais para cima dependendo de como se rema, inventando zigue-zagues de acordo com as enxurradas.

Saber-se sempre em trânsito em tempos de identidades duras é tornar-se também uma espécie de barqueiro. Diz Preciado, em suas crônicas da travessia, que “os processos de transição são os que permitem compreender melhor a transformação política social que estamos enfrentando. A mudança de sexo e a migração são duas práticas de transição que, questionando a arquitetura política e jurídica do colonialismo patriarcal, da diferença sexual e do Estado-nação, situam um corpo humano vivo nos limites da cidadania, talvez até daquilo que entendemos por humanidade.” E ele continua dizendo que, “além dos deslocamentos geográficos, lingüísticos ou corporais, o que caracteriza as duas viagens é a transformação radical não somente do viajante, mas também da comunidade humana que o acolhe ou rejeita”. Esse entre-lugar do barco convoca a criação de uma identidade de trânsito, abrindo mão de uma raiz “despótica” para criar raízes aéreas. Parece bonito porque é, de alguma maneira, bastante comovente. Mas também sei que esse elogio à errância e ao deslocamento exige um esforço atroz para encarar a cisão, o abandono e muitas vezes a pequena(ou grande) morte do que se é. A Lygia Clark já anunciava isso enquanto uma condição inerente da vida, que se está sempre em estado larval, em tensão fecunda de um estado de vir-a-ser, matando o que se é para ser outre no dia seguinte - um outre com bagagem. Que é essa a possibilidade de adentrar um certo estado inventivo do cotidiano. Matar-se para nascer em criação, sempre se criando. *Viver é um rasgar-se e remendar-se.*

Vou contar, na esperança de que alguém me ouça: habitam dentro de mim duas pessoas com histórias muito diferentes. Uma que só pôde viver até certa parte da infância, e outra que teve a oportunidade de chegar até a vida adulta. Elas partilham das minhas mãos, meus pés, meus olhos,

boca, intestino - usufruem de tudo o que sou e que ainda segue aqui (tudo mudou, mas sobraram as amídalas e o apêndice). *Una de ellas odia el portugués porque le hizo sentir muy sola por un largo período*, e a outra se emociona com as análises gramaticais desse mesmo idioma português, herdado (no porrete) de gente que, entre outras coisas, nos legou um modo de ser burocrático e binário, e que coloca como antônimo de plural a palavra singular (nunca achei que fizesse sentido). Essa é minha travessia, ou uma delas, riscando em mim singulares-plurais geografias.

Essa é também a história comum e maravilhosa, no fim, de qualquer um que atravessa uma ponte.

Mas há algo que confesso desconhecer, que são essas travessias que acontecem dentro de um corpo que se experimenta em sua máxima potencialidade de transformação, criando essa terceira margem justamente em um contexto que evoca a genética como ferramenta biopolítica de coerção e erradicação de subjetividades; travessias que desafiam e propõem novos verbetes, erotismos e desejos, outres feminines e masculines, outras identidades - que fluem.

A fluidez como um configurar-se pela experiência - de performar o que se é de acordo com o que se deseja - é cerceada ou por uma normatização indigesta dos corpos, ou por uma burocracia que te obriga a fixar uma identidade para que outras pessoas possam te reconhecer. Não nego, claro, a importância ontológica de ser visto e a necessidade dessa burocracia para existir dentro de um sistema. Mas como seguir cultivando o processo de uma identidade em devir, integrando essa experiência do transitar - capaz de mobilizar e colocar em relação o dissonante e o diverso - em uma disposição constante de, ao mesmo tempo, lembrar(se) e renovar(se), desviando de percursos que nos encaminham para uma normatividade/categorização construída pelo Poder? Como ser um barqueiro?

Ao ler um pouco sobre o coletivo, me deparei com a seguinte descrição: "o MEXA é um coletivo, mas a gente nunca sabe exatamente quem estará". E logo vocês explicam os motivos desses fluxos. Depois, é dito que ser artista ou não tem a ver com as configurações de cada encontro. Que há um trânsito de vocês entre a arte e a política, e que as criações do grupo não se encaixam em categorias precisas. Que habitam lugares de fala e de falhas de conceitos que buscam enquadrar corpos e estéticas. Um álbum formado de áudios esquecidos de celulares perdidos/roubados, de trocas de mensagem com gente que desapareceu, anotações encontradas no lixo; a fanfic de uma vida que em si já é invenção; "Corpos suados

pelo esforço de um encontro em um não lugar". Um musical na linha de ônibus. Vozes confundidas vibrando em uníssono. Alguém que renasce. Alguém que parte; processos de transfiguração e invenção de novos territórios, invenção de um novo corpo. Isso a gente aprende dançando: quando a gente se move, tudo move junto da gente. Penso nesse hábito de brincar de-ser-algo-que-não-eu de quando somos criança: não é nesse "fantasiando-se" de outres que a gente, no fim, acaba por se descobrir?

Escrevo essa carta para ouvir histórias de travessias; ouvir de gentes com boas deambulações, que tenha intimidade com trajetos, que me fale de Urano. Alguém que me fale de mapas não-oficiais e com o tórax de quem bem sabe remar canoas. Histórias de barqueiros, histórias de errância, histórias de quem tropeçou em si no meio do caminho - de quem sempre desconfiou que ser é um lançar-se para fora, assim como eu lanço essa carta na direção de quem a possa receber, essa carta que, apesar de não ser a mais bonita do mundo, é desejanter com o corpo todo e devota de jangadas e pontes.

Paloma,

Eu sempre tive medo de descobrir que o arquivo "cartas MEXA" pudesse ter sumido do meu computador.

Faz algum tempo que já sei que as cartas em papel, que eu pedi que fossem guardadas porque eu gostava (e ainda gosto) de textos escritos à mão, não estão mais comigo.

Mas o arquivo do computador, a versão que eu digitei, esse eu preferia não procurar. Quero continuar acreditando que ele ainda existe.

Essa não é a primeira vez que eu preciso desse arquivo. Sempre que quero achar essas cartas, tento me lembrar de trechos; junto alguns pedaços perdidos no meio dos nossos textos, invento outras partes e escrevo novas cartas, como se fossem reproduções das antigas.

Agora você nos manda uma carta. E nos pede pra te responder.

Talvez, seja esse o momento de assumir para o grupo que eu perdi as nossas correspondências. Que aquilo que escrevemos em 2016, como parte da nossa primeira peça, 69 Salas H&V, todos os nossos desejos, planos de futuro, o nosso presente naquele passado, aquilo não existe mais por extenso.

Ficaram imagens, trechos, recortes, rastros.

Você nos manda uma carta e nos pede pra te responder sobre nossas histórias, e isso me faz pensar que aquele arquivo seria a resposta perfeita, ao mesmo tempo que também não faria sentido algum, esses anos todos depois, porque já não somos mais as mesmas e já não escrevemos palavras iguais.

Ainda assim, estamos aqui.

O trecho que coloco abaixo é uma rubrica dessa primeira peça, indicando o momento de leitura das cartas que espalhamos pelos beliches que compunham nosso cenário. O público chegava até o último andar da Casa do Povo, se sentava nas camas com a gente e cada um de nós lia, alto ou sussurrando no ouvido, trechos delas.

Engraçado. Acabei de me lembrar que eu li uma carta para você, Paloma.

Ou eu tô te inventando em outra pessoa?

A rubrica era:

Várias cartas espalhadas pelo chão, algumas fechadas, outras abertas, várias sem nada dentro. Nem sempre cabe por escrito o que nós não pudemos falar. Escrever à distância é correr o risco de não ser escutado, mas não tem problema, a gente escreve mesmo assim. Cada carta é um pedido de socorro. Um manifesto. Uma saudade. Elas não precisam ser todas abertas para que a nossa história faça sentido. Agora já começou. Caminhe e abra alguma das cartas.

Essa carta que a gente te manda é, então, uma reconstituição daqueles textos que sumiram. Mas sobre o futuro. O passado tá impregnado em cada uma dessas palavras. Ainda assim, a gente quer te contar sobre o futuro. Imagina que você tá naquele cenário, que deve ter sido a primeira vez que você nos viu.

Imagina que você tá sentada numa beliche, tem um monte de gente perto de você e, à sua volta, muitos papéis espalhados. Você vai abrindo os envelopes e vai, aos poucos, descobrindo nossas histórias.

-

Escrever às vezes é tão difícil
 e eu queria te responder por áudio
 eu queria te mandar uma foto da gente juntos, tá faltando algumas
 pessoas nela,
 ninguém tá muito bonito
 mas tem um bolo em cima da mesa
 eu não me lembro que comemoração era
 por isso é essa a lembrança que eu queria mandar
 a da gente juntos comemorando alguma coisa
 não importa o quê.
 A questão é que tínhamos nós. E tinha um bolo.

-

Contar uma história é se reportar à memória?

A memória se constrói coletivamente?

A gente se lembra de tudo que já viveu? A gente edita a memória?

É possível utilizar a soma das memórias para a construção daquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência. Rubrica: psicologia.

Função geral que consiste em reviver ou restabelecer experiências passadas, com maior ou menor consciência de que a experiência do momento presente é um ato de *revivescimento*.

A memória da Luiza preenche os espaços vazios que estão sem as palavras que não pude enunciar sobre minha própria experiência.

O que sei de mim é o que lembro de mim?

Eu vou contar uma história de quando atravessei uma enorme pista de dança com o Dudu em cima de uma maca.

Não vírgula eu vou contar sobre os términos que foram encenados no MEXA. No MEXA sempre tem histórias de amor.

Eu, por exemplo, tenho vontade de dançar um tango argentino com a Ivana. Uma coreografia do desejo que deixasse as pessoas bastante confusas.

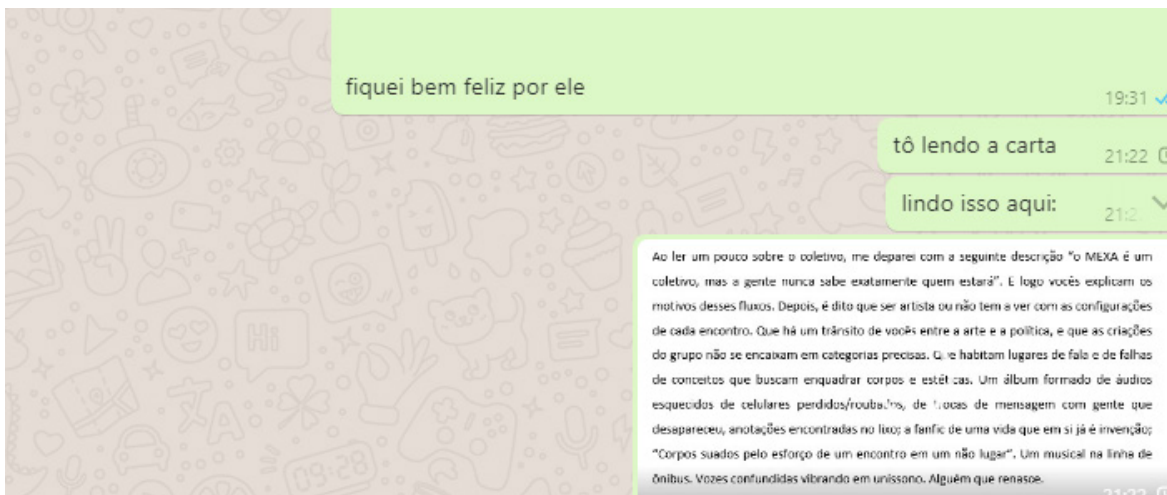
Fico fantasiando que a cada suspensão do tempo, do tempo do passo do tango, irrompesse um susto.

Nossa, olha o modo como eu tô falando.

Voltando à história,

[primeiro vou ler a carta enviada pela paloma]

da gente. **Penso nesse hábito de brincar de-ser-algo-que-não-eu de quando era criança: não é nesse "fantasiando-se" de outres que a gente, no fim, acaba por se descobrir?**



No tango com a Ivana podemos dançar caso sério da Rita Lee, num edit em bpm beeeem mais lento.

A Anita me disse que gostaria de sair lá da Prates.

A gente do grupo, no ano passado, teve a ideia de criar uma Casa MEXA, um lugar onde a Anita pudesse morar com uma parceira-cuidadora-amiga, e ser também um lugar de encontro para o grupo e de residência, vitais e artísticas. Um lugar onde pudéssemos nos revezar para aprender a cuidar uns dos outros e fomentar projetos.

Se alguém que nos lê souber como poderíamos financiar e planejar um projeto assim, arrasta pra cima.

Faz tempo que eu acho sim que a Anita poderia mesmo sair de perto do território da cracolândia. Experimentar outros (curtos) circuitos.

O Florescer tem uma unidade no Butantã, então quem sabe a história que eu tenha para contar seja essa, seria essa, será essa.

O Roberto agora tem um celular e tá mandando selfies sensuellens no grupo.

Houve uma espécie de duelo sutil de cortejos em relação a mim.

“Teu preso é que veio no meu quieto me trazer cigarro”.

A Anita tem esse sonho renitente (que temos todas, eu acho) de reen- cenar cenas do 69 Salas H&V.

Refazer a cena é reabitar presencialmente a memória?

É possível reconstruir uma memória?

A memória é uma ficção?

Projeto: reimplantação de memórias coletivas, mostra a sua que eu mostro a minha, alokaaaa.

Let the music play, we are cosmic women.

Uma história que eu adoraria contar é a da ida do grupo ao terreiro de candomblé Ilé Axé Aynla Opó. Mas essa narrativa ainda está sendo escrita por nós no Orun.

Esquecer também faz parte da memória?

agora é a minha vez e eu vou contar uma história sobre esquecimento era uma vez um boy que desejei muito e que achei até que queria amar e que um dia estávamos num ensaio na casa do povo e falávamos sobre amor acho que era sobre amor não correspondido mais especificamente e eu resolvi falar desse boy em cena e falei dele bem alto no improviso do ensaio que estávamos fazendo

aliás quando é que a gente está improvisando e quando não não é mesmo pessoal e falei coisa novas ali ao vivo para mim mesma até e depois de sei lá meia hora eu descí as escadas eram muitas porque estávamos ensaiando no terraço e eis que me deparo com o tal do boy no andar térreo eu nunca imaginei que ele pudesse estar lá ele nunca tinha me falado nada da casa do povo ele estava lá para uma filmagem que de fato não tinha a ver com a casa do povo que tinha sido alugada para um filme publicitário da Avon eu me esqueci completamente de como era desejar um boy não incendeia nem em noite de lua cheia.

As memórias em geral nunca são sem pontuação, já repararam? Tem sempre uma pausa. Um ritmo. Uma vírgula. Uma hesitação. Uma suspensão momentânea. Acho que a memória se desdobra pela linguagem em frases mais curtas também.

Nas redes neurais, axiomas dançam tango.

Minha mãe teve uma doença relacionada à memória e à linguagem e eu acho que muitas das minhas histórias acabam tendo um pouco a ver com isso.

Nós seríamos a mesma pessoa se não lembrássemos do nosso passado?

Termino aqui esta história, esperando que estas palavras e memórias escapem deste texto, voem pela sala e depois pela janela e me deixem só.

-

Eu, Barbara, tinha acabado de me mudar pro Zaki narchi e queria muito trabalhar com arte e performance. Era o que eu vim pra São Paulo fazer além de ser modelo é claro, comecei a ter consultas com a psicóloga de lá, a Juliana, e pedi pra ela uma indicação. Ela me contou sobre o MEXA e disse que conhecia alguém que era do coletivo, esse alguém era a Yasmin, então veio o convite pra eu ir pra primeira reunião. Fui a pé, chegando na porta da casa do povo, chegava junto comigo um boy de bicicleta, era o João, ele me perguntou se eu ia pra reunião do mexa e eu disse que sim! Subimos as escadas, entrei na sala do 2º andar da Casa do Povo e desde então me senti em casa quando vi todo mundo e pela forma que eu fui acolhida! Foi tão legal que o MEXA estava prestes a performar na galeria vermelho, então tinha um clima de performance e eu achei tudo, já cheguei em uma hora boa, causando! Foi minha primeira performance com o coletivo, e em cena eu entendi e senti o MEXA, me senti tão à vontade e livre que comecei desde então a falar e mostrar meu corpo nas performances, o corpo da travesti preta, mas tudo isso porque me senti segura!

-

Junto com nosso arquivo de cartas escritas à mão, tinham alguns outros objetos:

- *um RG com foto de criança;*
- *um RG com nome de batismo que ninguém conhece;*
- *um RG rasgado;*
- *um diário;*
- *um fio de cabelo;*
- *cartas com envelopes abertos;*
- *um espelho;*
- *textos de uma peça que ainda não foi montada;*
- *cenas de um filme que não aconteceu.*

Tinha também um e-mail todo grifado em que só sobraram as seguintes frases:

passar alguns dias se divertindo em algum lugar não me parece ser um problema

Esse processo já é um desafio enorme para mim e preciso de uma certa continuidade para conseguir. Não dá para sempre mudar e fugir...

teve a ver também com uma vontade de estar junto sem ter hora para dormir ou acordar

bom, isso é difícil dizer porque eu sou eu e você é você

a vontade de te convidar não foi planejada, aconteceu. assim te escrevi sem muito pensar

acho que o incômodo veio através das dúvidas que o **não** me encheu

já que vc falou em intenções, quais são as suas intenções comigo?

achei mais honesto falar em intenções do que planos - reflete melhor a ambiguidade

vontade para mim é uma coisa muita volátil e frágil

eu não consigo estar com você e não te beijar

para mim a experiência aqui no brasil é uma experiência de quebrar,
de abrir

me deu uma certa estabilidade dentro de muita incerteza

nossa, muita coisa aqui. melhor começar te pedindo desculpas

talvez essa barreira tenha que ir e voltar, eu não sei

e se transamos é porque de novo, não coloquei uma barreira em algo
que eu estava explodindo de vontade e prazer.

queria te ouvir antes de fantasiar histórias que não existem

eu sei que disse de novo mas foi uma resposta de reflexo

então evitei, mesmo morta de vontade.

não sei quanto drama uma relação aguenta e quando destrói o prazer

isso me faz pensar que o drama é mais presente em uma relação sem
continuidade e instável

Você fala mais do que imagina, com seus gestos

gosto muito de você.

-

Eu vou contar a história de Ivy. Ivy é artista, cantora, ela tem uma trajetória de superação, mas esqueçamos isso. Tudo está superado, Ivy não gosta e nem quer ficar lamentando o passado, agora o hoje é o amanhã e o amanhã é o hoje. Sua vida tem sido de muitas conquistas ultimamente, aos 55 anos, e ela se sente muito feliz. Ela tem feito trabalhos artísticos incríveis, trabalha com uma equipe de primeira, o seu diretor João, e outros profissionais de arte como um todo, Juliana, Bio, eles são incríveis. Em breve ela estará na mídia, podem esperar, e tenham certeza todos os que a virem e ouvirem irão se encantar. Ela sabe que

é boa naquilo que faz, o João tem planos futuros, para um show presencial de Ivy. Ele sabe do seu talento e ela fica muito feliz com isso. Ivy ama o palco, ela "levita" quando está sobre ele. E se não tem palco, não importa, ela cria na sua imaginação e tudo fica incrível, como se estivesse materializado. Ivy está muito bem, obrigada! Ela trabalha numa ONG, mora sozinha e vive a agradecer a Deus por tantas coisas maravilhosas que tem acontecido em sua VIDA. Ivy é Ivana, que é Aivan, que odeia rótulos. Essa sou eu. Um beijo!

-

eu, Laysa, conhecia todas as histórias da Ivana, mas não a conhecia pessoalmente. é curioso conhecer alguém assim pelas memórias das outras. janeiro de 2020, depois de dois anos desaparecida, ela faz seu retorno triunfal. cantando zé ramalho a plenos pulmões. essa é uma imagem que não quero esquecer.

-

Eu quero te contar a história de uma toalha.

É por causa dela que eu estou aqui.

Uma simples toalha salvou a minha vida duas vezes.

Em 2001, no exército, me defendi com ela no chuveiro de 3 invasores com faca.

Em 2009, ela ficou presa em um prego da varanda quando eu escorreguei e quase caí de uma altura de 90 metros.

-

Eu sou Dudu. Conheci Anita e Alê em 2015 e a Dani em 2014. Moro na Alemanha. Tenho olhos azuis.

É estranho responder uma carta sem saber pra quem vai. Eu imagino vc deitada com alguém que lê estas cartas pra vc.

Se vc chegasse em um encontro do Mexa a gente ia certeza estar falando sobre nós mesmas. E se vc não falasse nada por alguns minutos, a gente ia tentar adivinhar daonde vc está vindo. Se vc chegasse querendo ouvir histórias, a gente ia contar e um de nós estaria sempre olhando pra vc. Eu lembro quando levei um cara que acho chamava Marcelo, eu conheci

ele na frente de um Banco do Brasil da Rua da Consolação, imediatamente convidei pro encontro e fomos andando juntos pra Oswald Andrade onde o Mexa estava fazendo uma residência sem ninguém do espaço saber. Esse dia o encontro era ir pra Zona Leste ouvir Dourado numa batalha de MC. A gente observou o tal de Marcelo, testamos ele, e ele acabou empurrando a cadeira da Anita pra entrar e sair de um dos metrôs. Anita virou íntima dele e ele já estava respondendo aos pedidos e movimentos de todas nós. Empurrar a cadeira da Anita é nossa maior responsabilidade que todas já alguma vez fizemos, mas que ninguém quer fazer. Se vc viesse num encontro nosso a gente contaria muitas histórias, a gente está o tempo todo tentando contar nossas histórias de várias formas. A gente ri sobre a morte e às vezes se esconde pra não ser assassinadas. Faz sentido? O Mexa tem uma potência intelectual muito forte, a gente consegue pensar, eu sozinho penso sempre com elas como referência. A gente já desafiou a ideia de coletivo porque nunca sabíamos quantas éramos ou quantas podíamos ser. Sempre podia caber mais uma e não precisava estar desde o começo nem ir até o fim nos nossos percursos. A gente às vezes se esforça muito pra esquecer como ferramenta pra poder continuar. Faz sentido? Juntos a gente consegue lembrar tudo com detalhes e juntas fazemos outros lembrarem e essa virou nossa prática.

-

Acabo de achar um compilado de cartas em um arquivo, das cartas que sumiram, eu quero dizer. Antes de continuar, eu queria que você lesse o que dissemos em 2016.

As cartas são sempre iguais, um texto de alguém pra outra pessoa, com sujeito e predicado substantivo verbo adjetivo ponto final ponto de exclamação com a palavra Saudade com a palavra Amor com Sinto Muito Como você está com ponto de interrogação Um beijo com Assinatura no final Quanto Tempo Você está bem? Como é aí dentro Aqui fora as coisas continuam muito parecidas Os meninos cresceram Aqui fora quase nada muda Os meninos andaram perguntando por você, eu disse que em breve você vai voltar Eu arranjei outra pessoa, me desculpe, são muitos anos Eu tive outro filho Eu vejo novela todas as noites Eu não estou trabalhando mais Sua mãe morreu Seu pai morreu Seu irmão morreu Eu estou quase morrendo Sonha comigo Você sonha comigo? Eu nunca me esqueço Eu sempre me lembro daquela nossa viagem Eu

nem sei se você está ainda viva Eu nem sei se vai ler essas palavras ou se elas vão acabar caindo no esquecimento, como seu rosto Eu gostaria de ver uma foto de como você está agora Eu gostaria de trepar com você Eu tenho saudades da sua voz ao telefone Eu tenho saudades Amor Você não sabe como é difícil Aqui dentro é ainda mais Nem sei o que te escrever Eu gostaria que você fugisse daí Eu queria te apertar até que sua pele ficasse vermelha, como ela fica sempre Você consegue me ouvir?

E agora estamos de novo em 2021.

-

Olá meu nome é Alessandro Lins, tenho 37 anos, venho do estado da Bahia. A minha história com o mexa começou no ano de 2015, quando conheci o Dudu Quintanilha, que é o criador do grupo. O grupo que me inspirou a contar minha história de vida através de música, textos, dança e poesias. Eu aprendi a desabafar de uma maneira artística, enfrentando o preconceito, o racismo e a indiferença que eu enfrento no meu dia a dia. Quando conheci o grupo estava numa situação de vulnerabilidade social, estava morando em um centro de acolhimento no Prates por causa da dependência química, foi um momento muito chato da minha vida.

Hoje eu ando com cabeça erguida, mas nunca foi fácil. Coletivo mexa chegou para mudar não só minha vida mais a de todos que faz parte dele, axé palavras de boas práticas.

No grupo mexa redescobri a vida e o amor, principalmente por mim mesmo, coisa que estava quase morta. O bom da vida é saber se expressar de maneira moderada.

Quando estava dormindo na rua, eu achei uma força dentro de mim que não sabia que eu tinha, este é o bom em mim, o silêncio de observação.

Obrigado pela sua carta, Paloma.

Axé.

-

Agora achei a carta que a Dani mencionou no texto dela, logo no início, falando de uma vez em que durante um ensaio ela falou sobre um boy enquanto improvisávamos algo sobre amor, por quem ela talvez fosse apaixonada na época, e depois do improviso, quando desceu as escadas.

Depois desse dia, a Dani escreveu uma carta sobre esse improviso, sobre esse boy, e esse texto ficava junto com as nossas outras cartas, em cima da cama, mas o boy não foi ver nossa peça.

Aqui a carta:

____, tudo bem? a gente não se fala mais e eu acho feio as coisas ficarem assim, perdidas, sem resposta. acho que a gente teve uma aproximação que foi bem intensa e importante pra mim, sentimentos assim merecem mais cuidado e coragem. quero te dizer, pq eu acho que você nunca soube, que eu fui muito apaixonada por você. doeu a gente ter ido de uma super comunicação pra uma impossibilidade comunicativa total. queria ter encontrado você pelo menos mais uma vez. eu só queria que vc soubesse um pouco do que eu senti pra que eu possa estar mais em paz, sei lá. não precisa me responder nada mais. é isso. um abraço.

As nossas cartas são quase sempre improvisos que a gente escreve depois.

Se sumir, a gente reescreve. Se esquecer, a gente inventa.

Eu queria terminar nossa carta coletiva em primeira pessoa, com a carta da Luiza Brunah para o futuro.

-

Quero ler essa matéria quando eu estiver na casa dos 80 (hoje 48).

Caso eu não esteja mais aqui, gostaria que o Mexa lesse esse texto em voz alta, em homenagem a tudo que vivemos.

Essa seria minha cena final.

Minha cena dentro da performance em que eu mesma não estivesse.

Foi lindo nossas aventuras culturais, nossos manifestos e até mesmo aquele choro inconsolável quando fomos impedidos de nos apresentar no começo da pandemia em 2020.

Vocês lembram?

Há tanto para lembrar, sempre mais que para esquecer.

Hoje será 2060. Nesse dia, olhando para o passado, me orgulho da história que fizemos, me emociono até com as discordâncias nos projetos.

Se isso é ser saudosista, eu faço festa em minhas memórias.

Vou terminar esse relato/futuro, celebrando cada brilho no olhar de todos nós!

-

Quem sabe você, Paloma, não esteja nos assistindo, daqui a 32 anos, fazendo a performance em homenagem à Luiza. Talvez, porque você agora já sabe como será a cena dela, não possa guardar esse papel até lá para ler em voz alta, junto com a gente.

As nossas cartas são, sobretudo, uma forma de não desaparecer.

Ainda que elas mesmas desapareçam, a gente gostaria de ficar.





bença mãe,
[te escrevo enquanto bebo água]

aqui no quintal, criando pé de fruta e bicho de pé, ainda guardo a moita crespa dentro da cuia desde a última vez que você cortou meu cabelo. a esquina de casa não povoa poça de chuva e xingam por aí que a madeixa da água tem crescido agridoce como se fosse molho de carne de caju ou fiapo de manga aspirando dente carrancudo ou encavalado de vinhático como quem vem vindo da pesca farta. surubim com pinta de nascença e pouca espinha.

tô quentando sol no nordiminas há pouco mais de um mês, aprendendo a nadar de ré no árido. nestante eu e meu pai vamos construir juntos um barco a vela. escolhemos velejar o trecho do rio que você se afogou para finalmente quebrar o jejum da lamparina.

nós, as crias de porto, desde então tivemos que cuidar dos rins e do engasgo do peso da polpa na peneira. minhas gengivas não estão saudáveis. nem meu umbigo. quero dizer, tenho catado no chão do bairro bom jesus alguns tapetes de saruê e sapo. é estranho escrever uma carta para a senhora minha mãe que eu converso, vejo, visito em sonho, desenho e rezo todo santo dia. aqui - onde tudo volta a estar quente da lâmpada ao chão e enxágue de rio - entrevejo elianes de bobes e bike subindo para a rua abaeté debaixo de meio-dia rachando.

imagino que você já esteja no mar. vó joana me contou que a senhora morreu sem conhecê-lo. tenho pra mim que cada casa barranqueira dá de comer prum peixe dourado grudado na asa das costas do telhado feito a partir da coxa ou colcha quando há frio de vez em nunca nas gerais da caliandra ardente de fogaréu retorcido.

gradicida por mexer com colher de pau os meus sonhos temperados dentro da lua de veneta. quando machuco dentro do pilão a esquistosomose, misturo caracóis de jardim com os caramujos de calhau. altura d'água amputa corpo, galho, pedra. depende da chuva, estiagem ou três marias. como bem raso, fundo e reflexo convivendo juntos do sol ligeiro que acorda com as galinha.

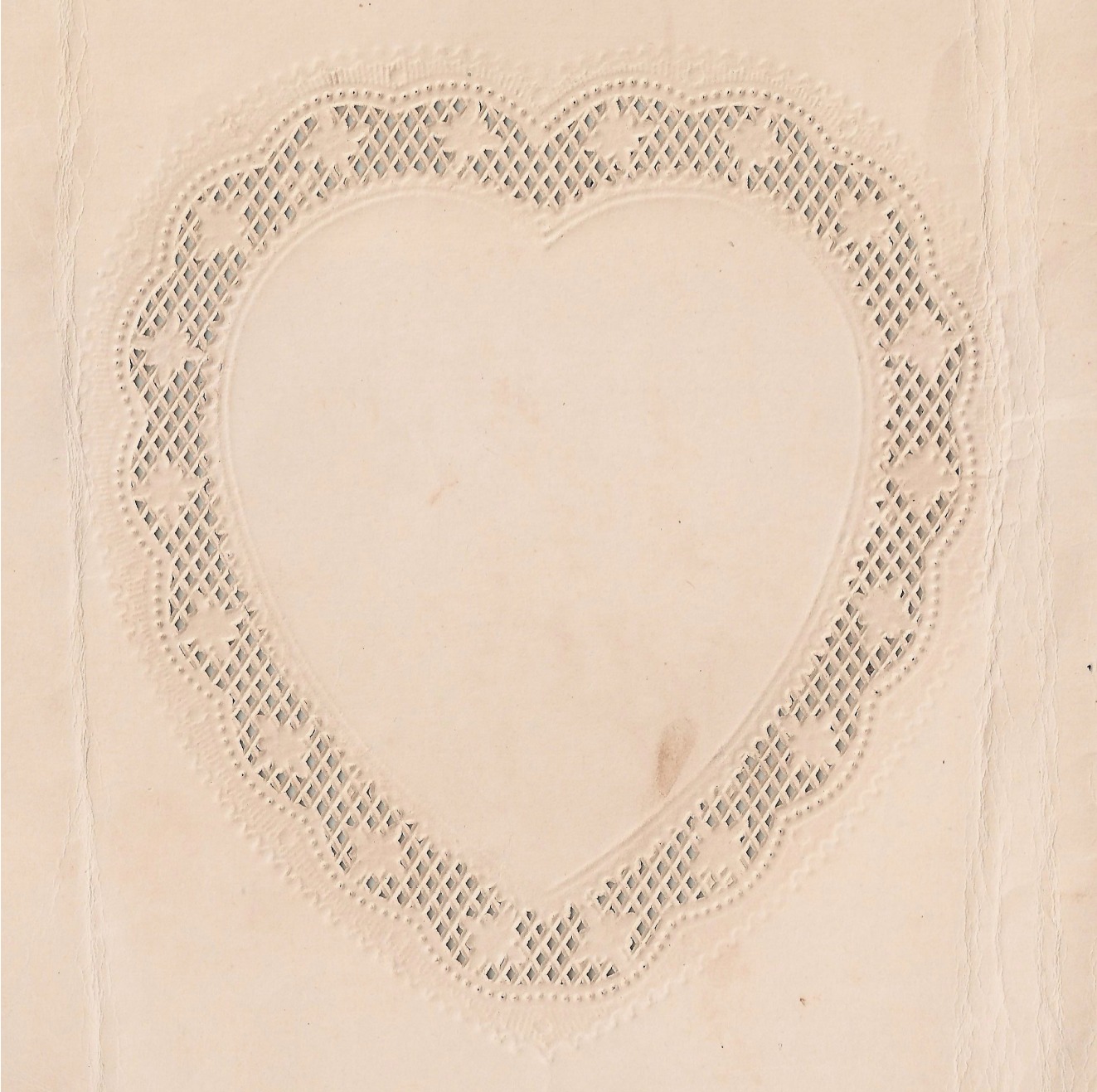
braços para remar, pernas parapanhar a queda. do juá, áries, áries, lobo guará.

de sua carranca mais nova
te amarimbondo











Eleo, minha querida...

Se eu pudesse te dar flores hoje seriam rosas: vermelha, amarela, branca e rosa, uma de cada cor!... hoje é dia de Iemanjá, Eleo (por aí nos States não deve nem ser sentido)... por aqui fica tudo diferente, muita gente agradecendo e pedindo junto, no mesmo dia, no mesmo momento. Fora todo o encantamento - as coisas que não se mostram gratuitamente. Tem gente que dá palmas, mas eu ofereço rosas brancas à Iemanjá... há muito tempo e sempre no mesmo lugar... são rituais que a gente inventa porque precisa, na intuição - que força poderosa a intuição, razão e sensibilidade reunidas sem hierarquias. Hoje eu fui tão cedinho ao mar, por receio de aglomeração, tão cedinho que não tinha ninguém vendendo uma flor sequer na rua em Niterói, onde fui caçar as praias que gosto. Até nisso a pandemia interfere, até isso ela fere... então fui catando flor que pendia dos muros das casas chiques de Itacoatiara (como já fiz outras vezes) e fiz um lindo buquê, cheiroso até, fiquei feliz - Bougainvillea, Jasmim Manga, Alamanda e uma outra amarelinha que não sei o nome, uma que tem uma semente que parece um balãozinho... foi pela semente que a reconheci... essa árvore, tinha dela em Araruama quando eu era criança... no caminho para uma praça em que a gente brincava cheia de umas árvores bem baixinhas e retorcidas que davam umas flores amarelas com as pétalas quase transparentes, tipo um copinho com o miolo bem vinho, sabe? Catei também uns galhos de Aroeira lá, pimenta rosa, dá loucamente na restinga... eu estou terrível kkk não posso ver folha! Tava aqui pensando, essa coisa de você deixar suas plantas pra eu cuidar quando você vai de viagem é mesmo um presente, Eleo. Me mantém incrivelmente conectada a você, mais até do que quando você está aqui no Rio, ocupada que só ela, e eu também, e elas estão lá na sua casa. É uma conexão-seiva, algo que se estabelece no ato mesmo de cuidar, de se envolver com o seu crescer e partilhar essa criação com você... lembra um pouco essa coisa de conviver com os trabalhos de arte dos amigos aqui em casa, mas eles já vêm meio criados, prontos, e ficam aqui significando, me fazendo lembrar... tem o seu tijolo imantado pelo *Movimento HO* na estante, colocado contra a lombada do livro amarelo *Ações*, amarelo como a flor da árvore retorcida de Araruama... tem você e muita gente querida na curadoria do museu aqui de casa - que tá mais pra espaço independente kkk. Recentemente, chegaram as espadas de Santa Bárbara do André Vargas. É uma pintura linda que tem escrito bem em baixo, na borda: leva o que

trouxeste. Coloquei na porta de entrada - como se faz com as plantas de força. A sua espada de São Jorge está aqui me protegendo, toda espadada. A chegada desse trabalho do André foi engraçada. Eu dei a espada de Santa Bárbara para ele, a planta mesmo, e ele me deu a pintada <3, não é lindo? Mandei a planta de motogirl, a Thaissa, e ele também mandou a pintada, assim... fiquei imaginando a espada viajando de moto pela cidade... chegou direitinho a danada! A gente tem permutado orientações também, são encontros com artistas que estou chamando de "curadoria das práticas"... é uma forma de reabilitar uma prática curatorial que não está a serviço apenas das exposições, das instituições, dos interesses do curador, mas se presta a discutir problemas gerais e pontuais do processo de trabalho, ali mesmo no momento da criação, do exercício... uma curadoria cotidiana que, por hora, está sendo virtual... o virtual tá quebrando o galho nesse momento, eu gostei de te ver outro dia se movendo pelo computador... reforçou a percepção de que ficar com suas plantas me faz pensar em você quase todos os dias, reforçou sua presença mesmo à distância, coisa doida, né? Depois, também fiquei pensando que falei tanto de mim na nossa última conversa de vídeo, das aventuras dos últimos tempos, e você quase não falou... você tem um jeito de prestar atenção, sabe... que quando a gente conta assenta, decanta o vivido enquanto fala. Essa coisa da recepção não ser nunca posição passiva é você. *Converso sobre qualquer assunto.* Você ouve, antes de tudo. Quase não perguntei de você, de André e Valentina, só no finalzinho... que coisa! Então ficou faltando saber mais das suas aventuras em *Iceland*, só que na sala de casa. Como a gente tem que fazer esforço pra trocar energia pela tela, não é? Quando tem uma relação prévia até melhora, tem uma memória do que é estar junto, mas sem conhecer é foda. Cansa. Outro dia me reuni com uma moça online e, quando fui vê-la ao vivo, nem a reconheci... socorro! Quero saber das performances entre as paredes mesmo, pra não pirar, porque é tanta coisa linda dentro dessa sua cabeça, nesse corpo... outro dia recebi da nossa querida Ana Kemper uma foto daquela sua performance com as fitas coloridas na parede e o vaso com as espadas de São Jorge (te mandei, lembra?), falamos um pouquinho e depois mais nada. Eu e ela estamos ensaiando uma conversa mais regular sobre os nossos estudos verdes, quer dizer, os estudos dela - o meu saber sobre as plantas é na base da herança, do empirismo e só agora tá ganhando um leve status de estudo... uma forma de estudo que também se faz com as mãos, como no meu tempo de artista do barro. Ela, que é

artista-médica-fitoterapeuta-acunputurista, sabe muito, uma beleza. Me conta de suas ações, de como tá sendo isso de mobilizar o seu trabalho sem estar na rua. E quero saber também das andanças na rua negociadas em meio ao medo, à friaca, das escapadas com tanto cuidado que nesses tempos às vezes beira a paranoia. Sabe, teve uma semana em que todos os comigo-ninguém-pode tombaram aqui em casa, os meus dois e os seus. Cortei os talos na raiz e botei na água. Aquela seiva tem tanta força que se cai na pele é como se fosse queimadura. Hoje já estão todos de pé - essa é a lição das plantas, não é? Metamorfose sem ser ambulante, enraizada no lugar, adaptação concentrada que, quando irrompe, é um modo novo de vida que ninguém segura... como está naquele livro do Herbert Mancuso que você me deu. Se a solução dos animais diante das adversidades é, de modo geral, o movimento (se não tem comida, o êxodo; se tem perigo, a fuga e por aí vai...), dessa vez não podemos simplesmente nos mover para outro contexto e realidade. E inclusive, nesse momento, nós brasileiros somos indesejáveis, não podemos entrar na maioria dos países. Não tem fora - já não tinha e agora está nítido, mesmo que se possa aprender a viver em fuga, dissidente, como bem disse aquele seu amigo José Fernando Azevedo, diretor de teatro, sobre a experiência ancestral e contemporânea de ser um corpo negro nesse mundo. Agora que não podemos simplesmente sair, nem ir até a esquina em segurança ou realizar os grandes eventos que encobrem, com ares de festividade, a precariedade das relações de trabalho e das condições de vida neste país, nos tocará, talvez, dar respostas mais precisas e não necessariamente rápidas ou espetaculosas - a velocidade não importa quase nada para os vegetais, segundo o Mancuso, mas sim a qualidade da resposta. Menos performance e mais performatividade, ação cotidiana, em rede e descentralizada, tudo isso está na base do modelo de desenvolvimento das plantas. Uma infinita capacidade de se transformar e, ao mesmo tempo, de estabelecer as condições para instituir essa transformação - ou seja, a sustentabilidade é coisa das plantas - e, como já disse faz tempo o Slavoj Žižek, é uma ideia totalmente incompatível com o capitalismo. A práxis e o modo de produção das plantas parece mesmo, como Mancuso quer propor, um paradigma bem mais interessante a ser revisto à luz de saberes ancestrais indígenas, africanos e também da ciência, sem hierarquias, nesse momento de reposicionamento forçado dos caminhos da humanidade. O paradigma centrado no ser humano branco, masculino, deu ruim, isso é evidente... sobre isso tem nos ensinado

todos os dias esse farol chamado Ailton Krenak. Que lucidez! Já tem uns 40 anos que ele está compartilhando suas luzes com a gente e só agora é que ele começa a ter alguma escuta - "Nada mudou na performance da borboleta!", ele disse outro dia. A parada está mesmo direcionada pra gente, Eleo.

Salve as plantas e o seu modo de vida, sua proteção! <3

Salve as flores que enfeitam e perfumam esse dia dedicado à rainha do mar.
Te amo, com corpo salgado, Iza.

Querida Iza -

Recebi sua mensagem e coloquei tudo com muito jeito e carinho no altar - as palavras e as flores. Muito obrigada pelo envio! Muito obrigada, sempre, pelas conversas. E, dessa vez, acontecendo aqui, por escrito, e começando no dia 2 de fevereiro, dia de festa no mar. E como nós duas gostamos do mar! Ambas temos essa sorte imensa de poder ver o mar das nossas janelas. A movida sem fim. Sinto saudades, Iza.

Pois quando fui dormir no 2 de fevereiro, já deitada na cama, abri o "Revolução das Plantas" do Mancuso e reli a introdução. Opa - tá tocando a campanha aqui, já volto.

Era o John e o Michael. O John é pai do Michael, e o Michael nasceu no dia da morte da Maria Lúcia, mãe do André. Eles são nossos vizinhos do sexto andar. O Michael estava com uma bola de basquete debaixo do braço - é um menino magrelinho de 9 anos com olhos gigantes por cima da máscara anti-covid. Ele, diante de mim, mas já todo na quadra da rua. Vieram trazer um pote de chili vegetariano que a Katie fez - ela cozinha um chili que a gente adora, e hoje fez um tanto a mais para partilhar conosco. Volta e meia a gente dá coisas uma pra outra - roupa de criança, brinquedo, comida, cerveja, planta, livro. Recentemente, deixei um pé de babosa na porta deles. A mãe do John faleceu faz pouco e quis dar uma planta pra eles. Quis dar especificamente essa babosa que é brotação de um pé que a Katie nos deu anos atrás. Acabei de plantar oito vasos com mudas que vieram dessa única planta. Ela rebrota sem fim e o verde dela é aceso. Bonito demais. Gosto de plantar em vasos de barro. Pois então, no final do ano deixei um vaso desses pra eles, do lado de fora da porta. Coloquei em cima da patinete do Michael com um cartão. Hoje, o John contou que eles estão comprando uma casa numa cidadezinha aqui perto. Ele disse, rindo por trás da máscara, "uma cidade mínima, mas com 6 ótimas livrarias!" Tá certo. Afinal, o que se precisa em uma cidade? O que, de fato, é necessário, Iza? O que é preciso para viver de bem? Não para "viver bem", veja bem, mas para "viver de bem". Essa diferença tem feito diferença pra mim.

Voltando à noite do dia de Iemanjá. Fechei o "Revolução das Plantas" e fiquei conversando mentalmente contigo. Fiquei pensando sobre como o Mancuso se refere às plantas como "alienígenas". Sim, mas só as plantas? Dá uma olhada em volta. Olha com jeito. Olha pros seus pés. Pras unhas e o jeito como elas juntam e separam da carne. Olha pras coisas sobre a

sua mesa. A lâmpada e a sombra. A janela. O mundo pela janela. Os muitos sons. Sons dentro, perto e longe. Sente a língua com os dentes. Dá uma olhada na pimenteira dando fruto. Imagina o John, o Michael, o gosto do chili da Katie e a cor da patinete. Olha as palavras, estas palavras, se enfileirando em frases. Olha só o que elas sabem fazer, como elas fazem acontecer. Pegam pela mão. Pelo braço. Pela cintura. Pegam leve e pegam pesado. É muito. Sim. É belamente estranho. Nós e tudo o mais: aliens. Estrangeiras, estrangeiros, estrangeiros. Basta prestar atenção e a estranheza salta aos olhos. Basta prestar atenção. Nas plantas, nas palavras e em tudo mais. Ao invés da naturalização, da familiaridade, do hábito, do "Entendimento" e suas violências parciais e totais (como diz Denise Ferreira da Silva), um mundo alienígena. Toda gente estrangeira. Toda gente estrangeira e andando em meio a tudo estrangeiro. Nós tudo. Pelo Aterro do Flamengo, Itacoatiara e Araruama praticando estrangeirismo - aquela sensação de curiosidade extrema (coisa de criança) misturada com um enorme respeito pela diferença (coisa de gente justa e sábia). Vidas estrangeiras entre outras vidas estrangeiras. Vidas estrangeiras entre outras vidas estrangeiras e, assim, livres da xenofobia e do racismo. Um mundo livre da xenofobia e do racismo. Porque, como conversamos certa vez no auditório do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, estranhar é preciso. Naquele dia, te propus que estranhar é cuidar. E hoje acrescento: estranhar é uma questão de militância.

Pois Iza, na manhã seguinte ao dia de Iemanjá, acordei pensando em militância. Acho que foi o primeiro pensamento do dia, ainda de olhos fechados. Volta e meia acordo com essa frase-despertador: "hora de começar a pensar!". Não dá tempo nem de lembrar dos sonhos. Ou, vai ver, não tem isso de parar de sonhar pra pensar. Pois. Pois naquele dia o pensamento foi o seguinte: é preciso descomprimir o mote "igualdade, fraternidade, liberdade" e agir valorizando diferenças, solidariedade e experimentação. Descomprimir, prisma, abrir caminho. As plantas aí na sua casa, e eu aqui macerando esse pensamento. Porque, veja, quando trabalhamos por igualdade social, é preciso escapar da armadilha de uma pretensa igualação (indesejável e simplesmente impossível) e lutar por direitos tendo como parâmetro a equidade - isto é, a aceitação das especificidades socioculturais, históricas e contextuais. Ou seja, para buscar equidade é preciso reconhecer e valorizar diferença. Com relação à fraternidade, o referente é familiar, humano, é coisa entre irmãos (isso sem falar na pátria). Entretanto, o que me parece determinante

nesse momento, é ampliar a perspectiva e firmar redes de solidariedade justamente com o não-familiar - firmar redes de solidariedade interespecies e em escala planetária. Nesse mundo antropoceno, é urgente buscar outros referentes além da família humana para estabelecer relações realmente solidárias com múltiplas formas de vida. Formas de vida que, diga-se, nos alimentam, nos vestem, nos calçam, nos lavam, nos oxigenam, nos tudo. O referente fraternal, ainda que fundamental, não dá conta das peculiaridades e das complexidades das redes interespecies, nem da escala planetária que precisamos reconhecer. E, por fim, enfiadas como estamos no lodaçal negacionista criacionista neoliberal militarista, no pântano capitalístico colonial necropolítico genocida suicidário, tenho recorrido constantemente à formulação do Mário Pedrosa, à ideia de "exercício experimental da liberdade". Para vivermos coletivamente em liberdade, bem sabemos, dependemos de sistemas macro-políticos, de acordos sociais e estruturas jurídicas, e é preciso lutar incessante e coletivamente para conquistar e garantir os direitos mais básicos. Já o exercício experimental da liberdade é a afirmação de uma vida em experimentação. A cada ato de violência que constrange, que oprime, que bloqueia o arranque experimental, a frase do Pedrosa contrapõe com uma força de liberação, com o exercício da experimentação. O que escuto é: enquanto houver vida, poderá haver experimentação libertadora. E este pensamento é extremamente liberador e libertador. Enfim, Iza, nesse momento de ascensão da extrema direita, de neofascismos, de colapso ecológico, nesse mundo de pseudo-igualdade, pseudo-fraternidade e pseudo-liberdade, ou seja, de extrema desigualdade, racismo, corporativismo e desmanche democrático, uma possibilidade crítica (e clínica) seria abrir caminho por meio de ações solidárias para além do familiar (entre alienígenas de todo tipo), por meio de práticas de equidade (nas quais não simplesmente tolera-se, mas cultiva-se a diferença) e por meio do exercício experimental da liberdade (sendo a experimentação um modo de agir o estranhar). E se trago o alienígena e o estranhamento outra vez, é porque eles me parecem ser uma chave de militância poética e política, um modo de escapar e reverter o fechamento de sentido e o horror político que estamos vivendo.

Nossa, fui longe aqui. Desculpa se me estendi demais, estava precisando desabafar! Nem falei da Islândia... E escuta, assim que possível, quero participar dessa rede de "curadoria cotidiana", que bom trabalhar assim. Pode ser? A peça a qual a Ana Kemper se refere chama-se *There*

is a smell of burning in the air - a sci-fi with no-fi [Tem cheiro de queimado no ar - uma ficção-científica sem-ficção]. Tenho gostado muito de experimentar com essa ideia de ficção-científica sem-ficção. Éramos eu e a Espada de São Jorge, que agora está aí na sua casa, juntas em uma sala de zoom. A Ana está cultivando um jardim de vasos no apartamento. Mandou umas fotos sensacionais - ela fotografa lindamente. Está acompanhando uma trepadeira que começou a subir por uma escultura da Iole de Freitas que está na sala dela. Qualquer hora dessas, a escultura vai dar flor. Ou melhor, já vive dando.

beijo grande,
Eleonora.

Conexão seiva...ativar!

Eleo,

Hoje saí andando na direção da Glória - tenho feito isso quase todo domingo. Fui andando pela pista dos carros, aquelas quatro faixas de cada lado que é área de lazer aos domingos, vc sabe. Só isso já é uma parte bacana do passeio, ocupar todo aquele espaço dedicado aos carros, andar na contramão das setas que indicam a direção do trânsito, ler de cabeça pra baixo e pisar, no máximo a 6 km/h, nos comandos escritos em letras garrafais - PARE - pra serem lidos em alta velocidade. Hoje é o dia que tem feira lá na Glória, e é A feira, porque é lá que muita gente começa a semana. Tem mercadoria fresca, tem todo o tipo de folha, a barraca de flor é uma coisa, vc tem que ver... semana passada achei Érica, que eu amo... me lembra minha vida em Cuba, lá ela se chama Açucena, que aqui é outra flor, tb muito perfumada mas com outro cheiro... e é minha flor preferida; na roça chamam ela de Bastão e dão pro gado sem a menor cerimônia kkkk. Mas hoje estava tudo esquisito, a feira não estava top não... estava tudo e todo mundo com cara de tacho porque não vai ter folia...um trauma coletivo não ter carnaval nessa cidade, Eleo... geral comentando disso na feira... teve gente que nem montou a barraca, mas por sorte encontrei as duas irmãs erveiras que trabalham lá, uma vende a folha e a outra a erva plantada, a muda, pra gente plantar. Sabe, trabalhar com erva é coisa de mulher, na tradição e hoje também, Eleo. Quem me passou isso foi minha avó; meu pai tb mexe, tem muito homem que mexe, mas normalmente aprendeu com mulher, com mãe, com avó. No meu caso foi minha avó Lolita, com seu Saião, sua Cidreira, sua Arnica, seu broto de goiaba, que me botou dedo verde! Outro dia comprei, dessa moça de que falei, pé de Alfavaca, Saião e Macassá, tá todo mundo bonito aqui na terra. Alfavaca é a minha avó em folha, Eleo. Hoje achei engraçado, encontrei Oriri misturado com alface, erva de banho e de comer juntas - a maioria das plantas tem mais de uma função mesmo -, mas depois fez muito sentido. Quanto mais mexo com erva mais percebo que ritual é o dia a dia, que não tem nada mais sagrado e especial que o ordinário dos dias... isso sim é o que precisa ser produzido como obra de arte. Achar que a arte, o sagrado e a emancipação de alguém acontecem num lugar separado da reprodução da vida é uma bobagem, mesmo que haja lugares muito especiais, lugares

imantados, coisas imantadas, como os seus tijolos, como os lugares e os objetos de culto e também (vai! kkk) as obras de arte... ainda mais as que andam por aí dando flor, como vc disse!

Sabe que na feira tem umas barracas que vendem uns frutos não comerciais, pelo menos que a indústria de alimentos não tem grande interesse, de gente que traz as coisas da sua roça, coisas tipo jaca, pitomba, seriguela, abiu, mandioca... outro dia achei sapoti (gosto de infância, cara... muito gatilho kkkk)... é foda, o mercado regula a nossa forma de comer. Regula quase tudo. Se der mole, a gente passa a vida comendo pêra, maçã, mamão papaia e banana, que são mais comerciais. Comer outras coisas e mover outra economia que não a hegemônica pra comer já é colocar em ato esse estranhamento-militância que vc trouxe pra nossa conversa, de habitar essa forma de vida estrangeira que você desenhou a partir da sua conversa com gente poderosa como a Denise Ferreira da Silva.

É uma onda muito grande isso de cultivar planta, de usar folha no dia a dia, Eleo. Eu sinto como se eu tivesse um capital sabe, um capital que, ao ser produzido, necessariamente mobiliza um processo coletivo virtuoso que tem me servido muito pra pensar sobre a questão da autonomia de modo bem amplo. Quando eu estabeleço os meios para me auto produzir, nesse sentido das ervas e das plantas, para ter condições de reproduzir eu mesma esse capital que me cura, me protege e me acalma, eu aprendo de forma muito instintiva sobre autonomia... cultivar tem a ver com criação, com trabalho, com arte. Nesse exercício está o DNA do trabalho livre, sabe, do qual a arte tem sido "o exemplo mais exemplar", ainda que às vezes esteja condicionada até o último fio de cabelo pelo fetiche da mercadoria, como muita coisa, aliás. Essa dimensão criadora do trabalho, em que se produz também uma relação livre consigo e com a comunidade, é o fundamento da utopia marxista em relação ao trabalho, não é? Que o trabalho pudesse ser esse lugar de realização individual e coletiva, e não de exploração, como tem sido historicamente desde que o trabalhador foi expropriado dos meios de produção. Veja, no mundo vegetal, esse ciclo da autonomia e da comunidade é a norma. Enraizar, reinventar e multiplicar os meios de produção é da lógica vegetal - abundância e não escassez (coisa do mercado de arte). Vc viu a foto da sua pimenteira lotada, não é? Vai dar umas 4 compotas! Não tem como eu dar conta sozinha de tanta exuberância! Se a planta cresce e você corta um pedaço e coloca na água, ou enfia na terra, ela brota e vira uma nova planta; se tem uma semente e você a coloca na terra, ela vira uma nova

planta que você doa, troca, vende até. É o oposto da raridade que se quer, muitas vezes ainda, atribuir à arte. Depois se desenha a planta, escreve sobre ela, estuda, faz um livro, compartilha sua experiência sobre isso, aprende com o livro de outros que também já passaram por isso, faz grupo, começa a fazer cultivo junto, soma forças, etc. Isso é a lógica da planta contaminando, no bom sentido, o modo de produção, a cadeia produtiva que as envolve. Um monte de processos desse tipo pode chegar a sustentar a gente, Eleo, em todos os sentidos, a cada dia acredito mais nisso. Enfim, é a lógica de um ciclo virtuoso que dá um prazer da porra em participar, e que também mobiliza um monte de questões. Outro dia eu vi o filme do Emicida que se chama "AmarElo - é tudo pra ontem", e tem uma cena em que ele fala dos ensinamentos que recebeu ao cultivar uma horta durante a pandemia, que fazer isso lhe deu uma ancoragem (é um pequeno doc dividido em blocos que se chamam plantar, cultivar e colher, se não me engano). Tem uma cena em que ele se lembrou de como cuidar da horta foi o que salvou Nelson Mandela durante sua longa jornada na prisão, organizou e deu sentido aos seus dias. Parece coisa de "jovem místico", mas não é não, tem uma filosofia e uma economia bem pragmáticas nisso tudo sabe, e tem uma consciência política que passa pela lida diária com a vida, pelos milhões de gestos que integram o nosso cotidiano. Num cultivo isso fica claro; com as milhões de interfaces e mediações do nosso dia a dia nem tanto. Isso também tem a ver com a ideia da arte como exercício experimental de liberdade do Mário Pedrosa, que você trouxe na sua carta, e tem também a ver com uma outra ideia dele, que é a da arte como necessidade vital. De uns tempos pra cá, eu falo praticamente todos os dias do Mário Pedrosa, é minha caixa de ferramenta - e por falar nisso, está crescendo o trabalho da Plataforma Mário Pedrosa atual, tá bonito, tá lembrando até a construção da nossa outra plataforma, a de emergência... As ideias da arte como necessidade vital e exercício experimental da liberdade não falam da arte num sentido estrito; a meu ver, elas localizam a arte dentro de um estatuto ontológico dos fazeres inaugurais do ser humano, detonam mesmo a especificidade da arte, na medida em que a aproximam de outros fazeres humanos, do mundo do trabalho (a questão que me persegue, vc sabe). Porque o que está em jogo para Pedrosa, no exercício da arte, é a disseminação da revolução da sensibilidade, a invenção de novo ser, de nova ética, de nova comunidade necessária à revolução política e social. Tem um texto em que ele escreve com todas as letras que a revolução

só virá quando os seres humanos tiverem olhos pra ver e *intuição* pra transformar a realidade à sua volta, e propõe a arte como educação das emoções, da sensibilidade... em outros textos da década de 1950 também. Tem a ver com a gente se autodeterminar a fazer algo que faça sentido para nós, com produzir as condições para que isso se realize no mundo, que faça comunidade. Criação e trabalho não se separam, segundo Pedrosa. Ao contrário, tem a mesma origem, e isso que ele diz se refere à democratização da arte enquanto pedagogia da autonomia, do inconformismo, enquanto pedagogia das pedagogias, como disse uma vez o Rafael Zacca (sou tão fã desse menino), uma pedagogia que vai formar gente livre - a maior das utopias marxianas, que o trabalho mesmo tivesse guardado isso que Pedrosa atribui de forma indicial ao exercício da arte e não a alienação do trabalhador, como acontece na maioria dos casos. Pedrosa está falando da arte como invenção dos modos de produção da vida, das subjetividades e de territórios livres, e não apenas de obras de arte. E a liberdade é sempre um processo coletivo entre diferentes, em que não se aplainam os conflitos. E a gente está precisando mesmo aprender a fazer isso, a viver em *incomunidade*, como propõe o Zacca, outra forma de se pensar o comum... diante da menor divergência é defesa ou cancelamento, não se pode mais fazer crítica, e isso é tão imaturo do nosso campo cultural, das pessoas, das instituições... digo isso porque, necessariamente, se coloca em questão quem pode ou não se ocupar de certas coisas, quem pode ou não ser livre, ao mesmo tempo em que reproduz a sua sobrevivência e a vida dos seus, e nisso há conflitos sociais e culturais pra caramba! A pandemia está aí para acirrá-los ainda mais, e a gente precisa crescer com eles. É urgente fazer com que outras práticas também se façam em condições que as permitam ser o exercício experimental da liberdade, na medida em que criem, no ato mesmo do fazer, seres livres - desde a manipulação do alimento, da terra, passando por toda e qualquer elaboração significativa das matérias, pelos rituais, pela ação política, pelas formas de trabalho e por aí vai... nessas ideias reside uma perspectiva de democracia cultural e de autonomia política que coloca o exercício da arte como sua mais poderosa pedagogia; como um exercício que re-informa a atividade - o ciclo virtuoso das plantas de que eu falei na outra carta. E a gente não tem muita alternativa senão agarrar essa perspectiva com unhas e dentes, como se fala, se ainda quisermos que a arte seja uma força transformadora, capaz de ajudar na regeneração dessa terra arrasada que virou o Brasil... com a face da

arte que se esgota na produção de mercadorias de luxo pra especulação de uma elite, não vai dar senão pra garantir os privilégios de meia dúzia de gatos pingados. É tanta coisa Eleo... eu fico aqui pensando...

Hoje, quando eu estava justamente fazendo a minha militância comprando seriguela kkk, encontrei uma amiga querida, a Mariana Pinheiro - ela é do cinema, é roteirista, mas é uma amiga que fiz na yoga. Amizade que a gente faz pelo corpo é coisa forte, né? (pelo corpo e pela seiva das plantas, a gente sabe). Foi tão maravilhoso encontrá-la!... mesmo com todos os protocolos... depois eu fiquei ali só sentindo essa alegria do encontro e de repente algo ficou muito claro pra mim - lembrei de você na hora, do seu trabalho. A rua é isso, Eleo. É o inesperado. É a possibilidade de que o meu caminho e o de pessoas que nem sabem da minha existência (e vice-versa), se cruzem. Ou de encontrar aqueles que conhecemos sem ter programado, sem saber. "Deixar que os fatos sejam fatos, sem que sejam forjados para acontecer", é a frase do Chico Science que tá rolando aqui na minha cabeça. E, pensando em você, no seu trabalho, nisso que estou escrevendo, é explodir com a ideia de arte, do artista e do público, de que alguém vai a algum lugar pra assistir alguma coisa que é arte. Estamos todos vivendo no mesmo espaço-tempo, em condições muito diversas, e isso é tudo.

Muitas saudades, Iza.

Cara encantadora de plantas -

Tanta coisa na sua escrita que nem sei por onde começar. "Alfavaca é a minha avó em folha" não pode ser frase mais cheirosa. E essa tua brotação com as palavras e com as ervas, essa tua mão verde Iza, isso é caso sério! Você tem essa mistura de campo e cidade rolando nas veias. E de praia com mata também. É bonito-bonito. Eu fico bem vendo. Amizade também é uma espécie de testemunho, não é? Fico acompanhando os seus processos, as suas passagens. E admiro imensamente a sua ligação com o Mário Pedrosa. Obrigada por vocês expandirem a noção de arte, as possibilidades, os alcances dela. A arte como modo de produção de vida, como força transformadora, como pedagogia emancipatória. E uma questão de base: não apenas fazer arte no Brasil, mas fazer Brasil por meio da arte. Fazer, conjugadamente, vidas, artes e Brasis. Com as unhas e com os dentes se preciso for. E vem sendo. E muita gente vem conseguindo apesar de tanto horror.

Para mim, a arte abre horizonte, ou melhor, feixes de horizontes. A arte é uma força. Ela não apenas abre espaços sensíveis e críticos, mas dimensões. Artistas abrem espaços e, também, dimensões. Nos inspiram. Os trabalhos energizam, impulsionam, enchem de vida. Nesse mundo regulado pelo mercado, como você diz, radicalmente individualista, normativo e capitalista, a insistência em fazer uma certa arte é a insistência em descompartimentar, em ampliar, em prisma. Fazer uma certa arte que descomprime e abre caminho. E digo "uma certa arte" porque, claro, não é toda "arte" que faz "essa" arte. E, além disso, faz diferente com cada pessoa. De singularidade para singularidade. Agora, não me peça para explicar "essa arte". Sei, isso sim, o que ela faz comigo. Quando acontece, acontece. E aí é bateção. Bateção, berro, beleza e bênção. Já experimentei essa força muitas vezes. Em lugares destinados à arte *per se* e fora deles. Já experimentei, por exemplo, numa retrospectiva do Rothko, numa peça do Marcelo Evelin e companhia em um teatro, na rua com o William Pope.L, lendo a poesia do Ricardo Aleixo, seguindo o Teatro da Vertigem em um hospital, acompanhando a trajetória correntiza da Lygia Clark, vendo um vídeo da Joan Jonas ou um curta da Grace Passô. Ontem mesmo, lendo o Grande Sertão: Veredas do Guimarães Rosa. Ela, a tal força - que não precisa mesmo de espaços circunscritos da arte para acontecer e, diga-se, acontece belamente fora deles - age de várias maneiras ao mesmo tempo. Mistura sensação, pensamento, vibração,

consciência histórica, inconsciência, filosofia, modo de viver a vida, ação política, toque, delírio, segredo. Ela sai fazendo. Acontece volta e meia essa lufada de vida, e lá vai você se refazendo naquilo, abrindo horizontes. E o/a artista tem que aguentar o tranco, tem que aguentar o não saber ao longo do processo. Ou ainda, tem que ter essa sabedoria, sabedoria de não saber para gerar o trabalho, para ser gerada/o pelo trabalho. Tem que se colocar, se disponibilizar, peito aberto, fazer junto com a avidez da vida. Para fazer arte - e para receber arte também, porque receber arte é uma arte - é preciso querer outras frutas além das que já estão na mão. Plantar pés de frutas que nem existem. E, claro, não se faz nada sozinha/o. Se faz com uma porção de agentes e por meio de incontáveis agenciamentos. Com pessoas, lugares, circunstâncias, conceitos, materiais visíveis e invisíveis, historicidade, matéria fantasma. Por isso, as articulações entre estética e política são tão básicas. Por isso, fazer arte é fazer política. Porque nos processos de criar e receber arte abre-se um campo relacional muito direto. Abre-se um campo político-estético onde um gesto estético-político, quem sabe, possa gerar outros frutos e outras fomes. Para que, quem sabe, possam nascer outros estômagos e daí seus corpos. Para que se partilhem as riquezas alfavaca, jabuticaba, jaca, manga e sapoti; os caldos de pitomba, siriguela, abiu e oriri. Formas de vida que o neoliberalismo calculadamente pasteuriza, vampiriza, sufoca, silencia, esmaga, mata ou, simplesmente, compra e deixa apodrecer nalgum porão. Só pra não ter mais, não ter mais aquela forma de vida. Pra abrir mais espaço pra mais churrasco de xuxu, pra mais picolé de xuxu (pobre do xuxu, pegou fama de insosso. Gosto tanto da cor e do gosto de chuva que ele tem). A arte que me mobiliza, Iza, é da ordem dessas riquezas. São forças de vida. E ênfase com todas as letras que trata-se de arte, A - R - T - E , e que, para mim, fazer arte neste momento é uma questão de militância. Mas, como você bem sabe, preciso ficar em movimento, pra lá e pra cá, no dentro-fora de delimitações e definições, quebrando a moldura, preciso ficar paradoxando. É vital pra mim.

E você? Você que vem pensando e fazendo outras institucionalidades. Institucionalidades artísticas, será que poderíamos dizer assim? Os seus movimentos todos nos últimos anos, firmando tantas parcerias - no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no Museu das Remoções da Vila Autódromo, com a Thelma Vilas Boas na Lanchonete <> Lanchonete, na Escola do Olhar do MAR... Quero saber sempre mais sobre essas práticas.

Estou tentando me lembrar como a gente se conheceu, mas não consegui chegar lá. Você se lembra? Vejo tudo meio misturado com debates sobre políticas públicas para as artes, pedagogias dissidentes, ações, livros, seminários e plantas. E eu volta e meia pedindo para que você cuide das minhas amigas verdes enquanto estou fora. Ou ainda, quando vou para o outro dentro.

Antes de me despedir, que mais uma vez já vou longa, te conto sobre uma entrevista que li e nunca mais esqueci. Era um jornalista entrevistando um homem do povo da floresta. O jornalista começou mencionando a situação de pobreza do lugarejo e, então, colocou sua pergunta. O entrevistado, com gentileza, esclareceu que não havia pobreza nenhuma ali. Que eles viviam em riqueza e abundância, isso sim, que eram um povo extremamente afortunado. Pois veja Iza, não sei se eles fazem "arte" nesse lugar, se precisam "disso" lá, mas, com certeza, há ali muito da seiva do que estou chamando de "arte" aqui. Uma pega radical com a vida. Uma não-bobagem vital. E então, talvez, chegue um momento no nosso mundo em que não será mais preciso fazer arte. Mas, por enquanto, temos muito trabalho artístico a fazer. Muito. Na batida, no berro, na beleza e na bênção.

Amor e seguimos!

Eleonora.

Conexão seiva, ativar!

Falando de um Brasil estraçalhado pela Covid-19, 2.286 mortes ontem, Eleo, um sofrimento terrível, um descaso, uma humilhação ter esse homem como presidente... ontem o discurso do Lula reacendeu a esperança em muita gente, em mim também. Não que me satisfaça essa situação de ter apenas o Lula como tábua de salvação. Eu acho que a gente precisa construir um campo político com outras lideranças, com outros processos de participação popular, mas claro, isso não muda o fato de que ele é um estadista, um político experiente, lúcido e, ao que parece, é a nossa opção mais forte contra esse que não escrevemos mais nem o nome... não se pode nem comparar Lula a esse genocida, seria ofensa... Mário Pedrosa, que amava Lula e nele depositou suas expectativas mais esperançosas em seus últimos ano de vida, sempre dizia - no Brasil nada se aprende com a experiência... ele tem razão, isso que estamos vivendo é o remake do remake com requintes de crueldade e estupidez; é a repetição de tudo o que ele viveu, a velha dificuldade da esquerda em se reunir, o papel ambíguo da mídia, a postura indecente de nossa elite do atraso, os políticos governando para si mesmos e até um projeto fascista disfarçado de "novo" (não esqueçamos Getúlio Vargas, com quem Pedrosa nunca se enganou). Vamos ver o que se consolida dos zilhões de comentários, posts e tweets da galera que está sempre pronta a responder nas redes sociais com suas análises de conjuntura, com suas ficções de si, mas que no íntimo estão com a cabeça e o coração tão fodidos quanto os de qualquer um, querendo uma tábua de salvação para se agarrar. *Porca miséria* de vida *online*, Eleo, quem aguenta? A gente vai mesmo ter que consultar e discutir muito meme, post, tweet, vídeo de zoom se quisermos disputar a escrita da história deste momento que estamos vivendo. Tenho visto essa transferência da vida para as redes sociais, por tanto tempo, gerar muito adoecimento, Eleo, coração fodido em massa... "Coração fodido" é o nome do livro do Heyk Pimenta que li recentemente, é bom demais... que nome, né? Tem uma pergunta dentro de um poema que poderia ter sido feita por mim: - Sabe quantos anos sem conseguir tirar essas esporas?... cara, essa pergunta me deu a dimensão exata do meu cansaço em relação a certas batalhas que venho travando nos últimos dez anos... me fez pensar que muitas vezes estamos aderindo corajosamente a uma lógica que nos mata, quando achamos que estamos resistindo a ela. Porque não é só o efeito da pandemia, tem muita coisa que não tinha cabimento há muito

tempo e agora ficou evidente de um jeito incontornável. Como você mesma escreveu uma vez, não me lembro bem onde, a possibilidade de resistir tem a ver com as *dramaturgias do corpo*, com as nossas formas de pertencer e não pertencer, de aderir e não aderir às coisas, aos movimentos, às instituições, a certas formas de trabalho e vida... é sobre isso que estou falando...

Não consegui lembrar do dia em que nos conhecemos... sei que foi no contexto do HO, do programa Plataforma de Emergência... em que momento preciso a gente virou amiga eu não lembro, mas deve ter sido imediatamente! A coisa das plantas veio depois, quando você se mudou aqui pro Flamengo... foi naquele dia em que você veio com André e Felipe Ribeiro entregar as plantas aqui em casa... foi tão engraçado, tocou a campainha e quando abri a porta tinha uma performance dos 3 com os vasos <3 kkk. Vocês estavam na correria, pra variar, você ia passar seis meses viajando, em Oslo, eu acho, depois tinha um monte de coisas, NY, e ia demorar pra voltar ao Brasil... a gente tomou chá de cidreira e camomila na louça linda da avó do Alex e vocês partiram, lembra?... que saudade!

Estava aqui pensando... é tão bonito parar pra te escrever e saber que você está me escrevendo em meio aos atravessamentos tão concretos do dia a dia, às dores deste momento, ao excesso de trabalho a que todos estamos entregues sempre... é uma forma de conviver nesse outro tempo com as fronteiras entre trabalho e vida borradas radicalmente, de fazer frente a essas distâncias que se impuseram de repente, de reconhecer as distâncias que já estavam impostas há muito tempo pela exigência frenética de produtividade que invadiu a vida da gente em todos os campos. Graças a essas cartinhas e à presença das suas plantas aqui em casa, a gente está convivendo mais à distância do que ao vivo. Pasmé! Cada uma no seu tempo, do seu jeito, fomos "expirando" e "esculpindo" nossa conversa ao longo dos meses... e esse ritmo da nossa troca fica visível em nossa escrita e é tão bonito que ele apareça... que a gente tenha sempre olhos pra ver e abra espaço na vida pra falar das sutilezas tão ricas do nosso convívio. Não quero mais perder o espaço necessário a isso na minha vida, ao cuidado com as minhas relações pessoais, comigo, e muito menos com as plantas...

Eu quero fazer muita coisa, Eleo, mas não quero que nada volte a ser como antes.

Te escrever assim, tipo um convívio, também está me trazendo de volta um jeito de escrever que eu tinha quando eu era garota, uma liberdade

da poeta que eu fui desde garotinha até uns 18 anos, quando entrei na universidade e comecei a pintar e a escrever com pretensão de fazer crítica, teoria - me moldando a um certo jeito de fazer isso, melhor dizendo. A minha geração acabou se moldando muito, mais do que contaminando as estruturas - como pensávamos que estávamos fazendo. Depois de nos organizarmos em coletivos, de fazer tanta performance e intervenção urbana, vídeo arte, de criar espaços independentes, tanta crítica institucional na virada para os anos 2000, eu olho em volta e vejo que a gente se moldou para caber nas instituições, nos editais, nos museus, nas galerias de arte, pra se profissionalizar e atuar em prol da construção de um campo que achávamos necessário estruturar... mas teve isso como efeito colateral - além da competitividade feroz -, e agora estamos tendo a chance de nos descolonizar por força de uma galera que não se agrupa mais apenas pela idade - nos anos 2000 eram apenas os jovens que interessavam aos mapeamentos e salões - hoje, para além do jovem, o recorte tem caráter étnico e social. E isso tem mudado muita coisa, especialmente no campo da representatividade. Mas a tarefa de ordem do dia segue sendo a de mudar as estruturas para instituir os organismos necessários à consolidação dessas transformações. E isso está sendo feito mais por essa galera muito foda que estava sendo represada nas periferias, sobretudo via redes sociais, do que por dentro das velhas instituições. Há mesmo um aspecto muito democrático e revolucionário nas redes sociais, na internet como um todo, quanto a isso não resta dúvida, e esse espaço tem servido à mobilidade social de muita gente. Agora, não dá pra ser ingênuo, porque "as redes em que se produz a resistência são as mesmas em que se produz o capital". Se deixar, de repente, a gente está trabalhando pra aumentar o poder legitimatório do Instagram, dos grandes museus também, sem capitalizar de fato pra nossa causa ou (ao menos) sem colocar em crise o que precisa ser mudado nas estruturas sociais, culturais e econômicas, como discutimos tanto já nos idos anos 2000. Hoje em dia, os jovens artistas alcançam visibilidade desde a periferia via Instagram, por meio de um trabalho de circulação e visibilidade auto-produzido por eles com maestria, diga-se de passagem, e vão direto para os grandes museus que, nesse movimento, fazem a sua "agenda decolonial e antirracista" sem se comprometer com o fomento a essa produção em nenhuma medida, na maioria dos casos. Quantos serão contemplados nesse processo? A escassez é a norma. Ora, nesse trânsito das redes sociais pra vida presencial, pro concreto das relações de

produção, é preciso que as instituições e os governos se comprometam na construção de um sistema cultural democrático, com outros procedimentos, com organismos de médio, pequeno e grande porte, públicos e privados; estimular a organização dos espaços independentes, de mercados intermediários e alternativos, pois o campo hegemônico das artes, da maneira como ele está organizado, é para poucos. Essa rede democrática, consistente, viva, constituída por espaços de sociabilidade e trabalhos diversos, reais, se esboçou em projetos e em algumas experiências ao longo da história recente da arte e encheu de brilho o nosso olhar por algum tempo, deu origem a pesquisas e estudos... mas sua instituição efetiva está nos fazendo falta há muito tempo, e poderia cumprir outras funções políticas, educativas e culturais que as redes digitais não podem dar conta. Essa construção é uma tarefa histórica e disso estamos muito longe ainda... mas esse exercício do pensar sistêmico sobre os modos de produção e o investimento na invenção de outras institucionalidades para o campo cultural tem sido o horizonte que mobiliza, ainda, muitas das minhas práticas *instituintes*, digamos assim, que, como você sabe, buscam mesmo um sentido expandido, outro valor até, pra arte e pra o artista, sua existência a partir de diferentes funções (artística, social, política, terapêutica, etc)... isso passa pelo meu trabalho como artista, curadora, gestora, editora, pesquisadora e pela colaboração com muita gente, com os projetos que você mencionou... e nisso vamos, até que não seja mais preciso fazer arte, não é? Quando formos uma sociedade inteira de artistas, ou melhor, uma sociedade produzida coletivamente como obra de arte.

É isso, minha muito querida... te escrever desse modo me ajuda a ter coragem de ser de outro jeito nos momentos pedreira, em que "escrevo como quem esculpe a pedra", e a ser com a minha diferença sem ter que me enquadrar para caber em lugar nenhum. E isso é libertador, isso é criação. É como artista que escrevo quando escrevo assim, e já me senti assim criando coisas como instituições, mobilizando a articulação entre pessoas de origens tão diferentes, fazendo pesquisas, curadorias... mesmo que o sistema ainda precise nos enquadrar em posições estabelecidas eu vou viver assim, me deslocando como *artista-etc* (como bem definiu nosso querido Ricardo Basbaum) e pagando o preço por essa autonomia de movimento, claro. Obrigada, amor. Você conversa comigo, mesmo à distância, por escrito, e eu aprendo. Estou gostando de te escrever assim... mas o que eu quero de verdade é encostar esse meu corpo cheio de calor no

seu, mesmo que tenha que ser num abraço meio de banda, e sentar na sua frente com a nossa farofa no Parque Carmem Miranda - mesmo que seja a 1 metro e meio de você, com essa baixaria de álcool, cara tapada - pra dizer uma pra outra olhando nos olhos o que a gente tem pra dizer.

Saudade. Beijo enorme, Iza.

P.S: Escuta, na verdade, como você demorou muito dessa vez, impedida de voltar por tudo isso, e como também estou plantando tudo em vaso de barro, como você, já não sei que planta é sua ou minha, porque umas morrem, outras dão muda, outras crescem e a gente troca de vaso (escala da nossa vida, isso aqui é revolução permanente, elas não param...). Quando você voltar a gente divide esse nosso capital, tá?

Querida Iza -

Escrevo apenas para marcar o encontro. Será na Praça Nicarágua, em frente à sua casa. Assim que eu voltar nós iremos adotar um canteiro ali. Vou chegar com pá, adubo, regador e a gente vai cultivar juntas um canteiro no Bairro do Flamengo, Rio de Janeiro. Vou levar também uma cesta com comida e bebida. Você traz as mudas e um dos seus pães. Topas? Depois a gente segue mantendo o canteiro e replantando as mudas que brotarem em outras partes da praça. Com certeza vai aparecer mais gente interessada - são muitas as frequentadoras e os frequentadores ali. Com o tempo, a gente pode fazer umas rodas de conversa, umas festas, uns eventos e tal. Fico logo animada com essa ideia. Combinadas?

Beijo grande e saudades,
Eleonora.



Querido Paulo,

Eu realmente espero que este e-mail te encontre bem. Como está a situação na sua casa, como estão os seus? Embora um e-mail consiga alcançar outra pessoa em apenas segundos, nossos países parecem estar mais longe do que nunca nesses dias de crise não só relativa à saúde, mas também à situação política. Quão corajoso e engajado é realizar e lançar uma revista online que possa ser propagada ao longo de todo país, acessível para todos, sem fronteiras; e agora, como parte da exposição de Anna Maria Maiolino, publicada e disponível para toda e qualquer pessoa que a queira levar, bem aqui em Basel; nós rapidamente esgotamos, depois de menos de duas semanas de abertura da exposição, todas as cópias que fizemos e teremos que produzir mais um montante delas. Isso é um ótimo sinal, acredito.

Depois de dias e semanas intensas montando três novas exposições - uma delas a exposição maravilhosa de Anna Maria Maiolino, aqui na Kunsthaus Baselland, eu ainda me sinto fortemente preenchida com as sensações que me atravessaram durante todo o processo de montagem, de ver a exposição pronta e, depois disso, de receber as pessoas durante a abertura - a primeira abertura real depois de um ano - com um breve discurso e um churrasco como convite para os visitantes ficarem e comerem conosco; tê-los aqui, vê-los levar a publicação, compartilhar pensamentos e ideias. **presente.** A revista que você e Anna Maria trouxeram à vida tem um nome tão acertado. Se relaciona de maneira muito profunda com nossa atual situação e com o grande desejo de todo o mundo - por quanto tempo teremos que esperar agora, dentro deste tempo de crise, para estarmos presentes com o nosso corpo em diferentes situações? - não digo do falar com os outros ou adentrar espaços virtuais, mas o ir até lá, estar lá, sentir as outras pessoas, os corpos dentro do espaço. Entretanto, isso não é uma realidade para todos - são tantos os países e pessoas que ainda não podem deixar suas casas, que não têm acesso à vacina e nem mesmo às máscaras ou água e sabão. Como devem se sentir e viver, ainda mais depois de um ano de distância, crise, insegurança e, especialmente, com a sensação de que nenhuma crise, por mais global que seja, reúne países e pessoas para encontrar uma solução comum?

Enquanto escrevo, estou sentada dentro da exposição de Anna Maria Maiolino, aqui na Kunsthaus. As luzes artificiais ainda estão desligadas, mas o sol da manhã está irradiando através da clarabóia e preenchendo o espaço com uma

quente luz matutina. Está tudo a postos, esperando para ser experienciado, percebido, sentido. Preparado e disposto para receber os convidados para que o aproveitem, como em um jantar. Pode a arte ser incorporada até que permaneça em nossos corpos? Como as pessoas podem ficar mais tempo em uma exposição, sentadas, olhando, vivenciando, respirando - como em uma caminhada ao ar livre? Eu sempre penso numa pesquisa feita pela Universidade de St. Gallen aqui na Suíça, há alguns anos, que confirmou que todo visitante fica, em média, aproximadamente 3 segundos em frente a um trabalho de arte e experiencia as obras e a exposição caminhando pelo espaço expositivo. Presente? Estamos nós presentes em uma situação se nós a atravessamos apressados ao invés de estarmos com todo o corpo em presença por pelo menos um pouco mais de 3 segundos?

Olho para uma das imagens da série *Vida Afora*, feitas pela Anna Maria [Maiolino] - um ovo, mínimo, de forma perfeita, um significante do princípio da vida, mas tão frágil quanto lhe é possível - sua casca parece forte e, no entanto, pode se romper com facilidade. Talvez, uma das experiências vivenciadas durante a pandemia - e tomara que essa consciência possa prosseguir por um tempo - é que tínhamos, e talvez ainda tenhamos, a sensação de, como seres humanos, sermos fortes e capazes de fazer, resolver, entender e saber de tudo - mas é em tempos de crise, quando todo o conhecimento falha e ninguém nos diz o que fazer, que nós nos sentimos fracos e frágeis como um ovo. Parece que as únicas ferramentas que temos à disposição são a nossa humanidade e, a mais necessária de todas, a criatividade. Venho me indagando, desde o primeiro momento da crise - dentro do que é possível localizar de quando foi o seu início, e digo o mesmo para o fim, bem, ninguém sabe quando começou e quando vai terminar - poderiam a cultura e a arte desempenhar, neste momento, algum papel relevante?

PRESENTE

Se eu fosse pensar em uma imagem do fim da pandemia, eu pensaria na performance *Huddle* [Amontoado], de Simone Forti, que nós apresentamos há dois anos em sua exibição individual, aqui na Kunsthhaus Baselland. É uma performance dos anos de 1960, que pode ser reencenada até hoje após muito treino, por um grupo de 7-9 performers dos mais diferentes repertórios. Cada um dos performers, um depois do outro, escala a montanha de corpos que eles formam juntos. Sem usar palavras, o grupo sente se alguém começa a escalá-lo; e quem escala precisa confiar no grupo de que este lhe dará sustentação, ao aproximarem muito os corpos uns dos outros criando, em um certo sentido, um corpo de muitos outros. Em meu

último contato com a Simone, lhe perguntei se, em um futuro, quando nem a máscara ou a distância forem assunto mais, haveria a possibilidade de realizar de novo essa performance. Essa, pessoalmente, seria a minha imagem de superação da pandemia.

Mas como será o depois? Eu posso imaginar que, de sua perspectiva, o depois pareça distante e que, talvez, a crença em um mundo onde todos cuidem uns dos outros tenha também desaparecido; um país do outro. Quando nós entenderemos que esse tipo de crise só será resolvida quando todos os países trabalharem juntos, cuidando uns dos outros?

- Eu não acredito que a vacina, sozinha, irá superar essa crise.

O vírus é esperto o suficiente e irá encontrar meios para se transformar, mutar e nos enganar, nós que somos tão frágeis, preguiçosos e de alguma forma não cooperativos. Ou, como compreender que em alguns países, neste exato momento, as pessoas estejam pensando em seus feriadões de verão, enquanto em outros se pensa em como sobreviver às próximas semanas e meses. Talvez esta situação seja como foi em todos os tempos de nossa terra, mas agora, com a mudança climática, nós deveríamos estar conscientes pelo menos de que nossa relação (ou não relação) com o meio ambiente influencia a todos nós.

Há algumas semanas, eu conversei com uma artista em Israel que é amiga minha. Eles foram o primeiro país a ser completamente vacinado e a se livrar do uso de máscaras, retornando para alguma coisa chamada de vida normal. Mas, ao mesmo tempo, lendo sobre tudo isso, também se lia sobre a escalada do duradouro conflito entre Israel e Palestina. Quando perguntei à minha amiga sobre isso, ela escreveu para mim: "Eu sinto muita tristeza pelo horror e pela perda das pessoas que os dois lados experienciam devido à política cínica de seus chamados líderes". Eu vivi toda a minha vida sob a sombra desse conflito e, quanto mais velha eu fico, mais estou convencida de que não é algo que possa ser solucionado pelo mesmo espectro de consciência que o criou. Eu vejo uma grande importância em colocar esforços para alcançar um elevado nível de consciência sobre essa área de conflito. Eu ainda acredito, profundamente, no potencial da arte como parte desses esforços. A arte se alimenta de complexidades, poéticas, do espiritual e do sublime. Ela não serve a nenhum mestre, a arte, nem mesmo a um bom mestre. É portanto uma zona livre, quase a última fronteira, para semear uma nova "imaginação civil".

Uma imaginação civil? O que seria isso? Uma ideia utópica? Talvez possamos começar pela arte, pela arte dentro de instituições como museus,

como a Kunsthaus. Talvez possamos começar aqui, agora. Talvez devamos começar pensando o museu, as exposições e o espaço expositivo de modo diferente, não apenas como um espaço para se atravessar, mas onde passar o tempo. Para ler, para trabalhar - um *museu-office* ao invés do *home-office* - ao invés de correr de um lugar para o outro, de uma exposição para outra. Estou pensando na instalação que a Anna Maria [Maiolino] fez há algum tempo, com cerca de uma centena de ovos dispostos pelo chão - dando ainda a chance de que se pudesse caminhar por entre eles, mas devagar, devagar - estando ciente de cada passo e de cada passo em falso que pudesse quebrar um ovo. Que experiência deve ter sido. Nada disso pode ser experienciado digitalmente.

Com as melhores estimas, querido Paulo
Ines

Querida Ines,

Muito obrigado por escrever e pela tão oportuna ideia de incluir a **presente** na exposição da Anna em Basel. Essa oportunidade me fez pensar também, assim como você menciona, em como o mundo está de novo aprofundando uma fissura que na escola me foi ensinada como a divisão entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, que mais tarde começamos a formular como a diferença entre “Norte” e “Sul” globais, e que hoje em dia é percebida (até pelo meu filho de 4 anos) como o perverso hiato entre os países vacinados e não-vacinados. Esta não é uma época de sutilezas para se crescer, diga-se de passagem.

Há alguns dias, um jornal publicou que mais da metade da população jovem do Brasil gostaria de morar no exterior. É compreensível, mas também muito triste, porque isso irá, mais uma vez, levar parte de nossas mais corajosas e brilhantes mentes e corações; e também porque o aeroporto não é uma opção viável para a maior parte de nossa juventude. Nesse contexto, tem sido nosso desejo que a **presente** pudesse ser uma abertura para conexões e diálogos inesperados entre pessoas que estejam se sentindo presas e isoladas de maneiras que vão além dos protocolos de distanciamento social. Para realizá-la, era vital que a publicação pudesse transitar livremente e de maneira incontida, que encarasse o ódio sustentado por aqueles que apoiam o governo genocida que comanda este país, mas também que se mantivesse disponível para qualquer leitor ou correspondente que viesse a ser tocado pela mensagem guardada por essa garrafa eletrônica. Em outras palavras, um lembrete pulsante, para cada um de nós, de que não estamos sozinhos.

Isto é o suficiente para dobrar os caminhos de nossa atual geopolítica? Sinto que, por si só, nem mesmo todo o legado artístico e cultural poderia fazer isso. Mas artistas trabalham no *imaginaire*, como [Édouard] Glissant diria por essa palavra francesa que não se traduz completamente nem como *imaginação* e nem como *imaginário* - e isso deve ter alguma coisa a ver com o que sua amiga chama de “imaginação civil”, já que *imaginaire* é algo que se compartilha, e não aquilo que fica guardado dentro dos pensamentos ou sonhos de alguém; algo que emerge em um entre-linguagens, poéticas e discursivas, refletindo e estruturando coexistências; e também algo que não é necessariamente utópico, eu acho, mas pode também ser distópico de vez em quando e é, na maior parte do tempo, surpreendentemente cotidiano. Não sou filósofo, nem

especialista em Glissant... mas sinto que é nesse lugar que a arte está sempre operando. Às vezes ela ajuda a nos sentirmos menos solitários, às vezes aprofunda a nossa capacidade de afeto e respeito por aquelas, aqueles ou aquilo que nós não entendemos completamente e, noutras vezes, nos mostra como são míopes os parâmetros de sucesso e progresso que temos empregado individual e coletivamente. De novo, isso é o suficiente? Bem, podemos parafrasear a máxima eternizada por Goya: "O silenciamento do imaginário produz monstros necropolíticos".

Essa é uma citação de Glissant que Manthia Diawara compartilhou comigo e com o Jacopo Crivelli Visconti na preparação da 34ª Bienal: *"[L'] imaginaire vole au contraire au-devant des résolutions du dissolu ou de l'irrésolu colonialiste. Ce sont les peuples les plus facilement ou dérisoirement ou absolument opprimés qui conçoivent au plus loin les dépassements nécessaires des particularismes sectaires"*.

Eunão quero adentrar muito na Bienal, porque a estamos montando neste exato momento e tudo o que pensávamos que sabíamos sobre ela parece suspenso. É paradoxal: nós estamos, finalmente, tornando tangível o que foi inapreensível por tanto tempo (especialmente porque a Covid-19 fez com que o processo levasse um ano a mais que o esperado), e eu ainda a percebo como um sonho ou alucinação que se tornará real apenas quando o primeiro visitante atravessar as portas de entrada. E então tudo deverá adquirir novos significados, novas cores, novos sabores.

Vou responder sua notaçãõ sobre o que a Kunsthaus poderia se tornar, então, com algo sobre o Instituto Tomie Ohtake, o centro cultural independente onde tenho trabalhado há pouco mais de dez anos. Desde a pandemia que atingiu o Brasil, temos despendido uma quantia considerável de tempo e energia para debater a missão do Instituto, que culminou em duas metáforas visuais: o farol e o porto. O farol é o ponto de referência que pode ser reconhecido de longe (e até mesmo quando se está em rápido deslocamento), e que oferece uma espécie de sinal, informação ou acesso. O porto é o lugar onde muitas pessoas diferentes, de origens e destinos distintos, cruzam caminhos e têm a chance de descobrir sobre rotas, lugares e alteridades. Seria o porto um lugar muito frenético para se tornar o abrigo que você vislumbra? Ou será que ele é efetivo por sua grande capacidade de convidar as pessoas a se desviarem de seus planos e entendimentos originais? O que gosto nessas metáforas marítimas é que elas estão imersas em uma sensação de Movimento com M maiúsculo - não apenas na pressa e no estardalhaço característicos das grandes cidades,

mas nos fluxos e refluxos de histórias pessoais e coletivas, o choque entre as línguas, a chegada em novas paisagens, o clima pouco ou nada familiar, a luz solar com uma coloração diferente. Sinto falta de poder ir ao museu diariamente, mas o que mais me faz falta é a reafirmação diária de que vivo em uma cidade, em uma *polis*, em um emaranhado de esferas públicas.

Talvez seja isso que tenha me tocado em como o *Huddle* [Amontoado], da Simone Forti, veio à sua imaginação durante esse período e como você planeja alimentar o *imaginaire* coletivo com essa performance o mais breve possível. Para a 34ª Bienal (ok, eu voltei para ela), Marinella Senatore está, neste momento, construindo uma obra que é um reminiscente da típica *luminarie* italiana - chocantemente brilhante e colorida - com a frase "We rise by lifting others" [Nos erguemos ao levantar outras pessoas]. E não é isso?

Afetuosamente,
Paulo

Querido Paulo,

Muito obrigada por sua tão provocativa, rica e inspiradora carta. Ler o que você escreveu, mesmo que nós nunca tenhamos nos encontrado pessoalmente - e nos conheçamos há pouco -, demonstra para mim, mais uma vez, que a arte é a uma linguagem que pode unir pessoas que não se conhecem e torná-las capazes de partilhar pensamentos, emoções, ações, não importando onde estão, de onde vêm, em qual língua ou país se sentem em casa.

Eu gostei muito de sua citação ao final, me dá a chance de repeti-la: nos erguemos ao levantar outras pessoas. Você cresce quando outros crescem ao seu lado. Isso não é verdade apenas quando se tem crianças próximas tornando essa experiência tangível quase diariamente, mas também ao trabalhar, viver e passar tempo com outras pessoas. E creio que isso vale muito em tempos de crise. Se você ajuda e levanta outras pessoas, você também é erguido.

Lendo sobre o projeto de elaboração e realização da Bienal, sobre a espera de que os visitantes a adentrem e lhe tragam vida, penso em todas essas incríveis exposições e projetos ao redor do mundo nos últimos meses, e também em geral, que apenas uma pequena quantidade de pessoas têm a oportunidade de vivenciar - e agora, em tempos de crise, menos ainda. Todas essas janelas que estão abertas para experienciar e perceber o mundo ao olhar para ele por um ângulo diferente. Isso, nos últimos meses, ou um ano e meio agora, foi e ainda é perceptível - tudo é preparado, como um maravilhoso jantar, mas nenhuma das pessoas convidadas está apta a comparecer por não poderem viajar por diferentes motivos, porque estão doentes, porque têm medo de sair de suas casas, porque elas são muito novas para viajar ou caminhar sentido ao museu/ Instituto de arte por conta própria, porque nunca tiveram acesso a esse espaço, porque, porque...

Me sensibilizou o que você escreveu sobre uma geração de jovens no Brasil que quer deixar o país para escapar do contexto político. Isso é algo que, desconfio, tenhamos esquecido por estarmos focados na pandemia. O século 21 não é apenas um tempo crítico em relação à mudança climática e seus efeitos em todos nós, incluindo plantas, água e todos os animais vivos - e a pandemia como resultado disso; mas é também um século de movimentos, imigrações, isolamento, partidas e perdas. Quanta gente vive em países distintos ao que nasceram, que deixaram seu país por diferentes motivos, desejos e esperanças. Talvez, esse seja um

dos aspectos do porquê as mídias sociais se tornaram tão dominantes e perspicazes. Aqueles que não podem fugir, viajar, sonhar, sentem que encontram uma porta para abrir e se mandar ao estarem conectados por milhares de horas em um mundo digital - sem notar que sempre haverá uma fissura entre o real e o digital.

Pode a arte ser um instrumento para nos fazer sentir parte do mundo real? De nos fazer sentir mais uma vez PRESENTES?

Como podemos fortalecer essa geração mais nova mundo afora - nós, como pais (você mencionou seu filho, e eu penso nos meus dois meninos pequenos), tias e tios, como amigos dos pais, como avós? Essa é uma de minhas maiores preocupações observando essa geração de jovens, algumas vezes sem nenhum suporte externo ou ao seu redor para guiá-los através de situações que não causaram, mas nas quais se encontram. Recentemente, conversei com uma pessoa do campo da psiquiatria para crianças e jovens. Ela mencionou que ainda não se sabe o porquê, mas há uma enorme quantidade de jovens dependentes de auxílio psiquiátrico aqui na Suíça, não só por causa do Covid-19 (claro, também não ajudou muito). Isso é um problema sério já há alguns anos, no mundo todo. Viver fatigado é claramente o exato oposto do desejo de estar presente no mundo. Que tipo de futuro podemos criar e oferecer para as próximas gerações? Eles têm a sensação de que muito pouco foi deixado para que eles possam moldar seu futuro e por isso perderam a esperança?

Pensar sobre os museus, sobre as instituições, sobre o futuro - e eu amei o projeto de espaço-público-porto que você descreveu -, tenho pensado em um espaço que seja o mais aberto possível, para todas as gerações, não importando de onde estão vindo, ou se estão acostumados a visitar exposições. Como podemos ser um "abre-alas" para todos aqueles que nunca tiveram a chance de ter contato com museus e institutos de arte? Talvez tenhamos que pensar de outra maneira: é a direção correta pensar que o público - independente de quem esteja nele incluso - é quem deve encontrar o caminho para a instituição, o museu ou algum evento, ou deveríamos pensar que é o museu que deve ir ao encontro das pessoas?

Não sei se você conhece a história do supermercado Migros, aqui da Suíça, um dos maiores do país. Nos anos 1920, eu acho, eles começaram a dirigir um ônibus que ia até as pequenas vilas nas montanhas, ao interior do país, enfim. Por muitas décadas, fizeram isso para poder vender seus produtos - como leite, queijo, manteiga, carne, ovos, etc. Um mercado sobre rodas - em paralelo às lojas que têm e tinham em toda cidade e vilarejo.

Faz algum tempo, principalmente neste último mês, que venho pensando cada vez mais sobre essa ideia de um museu sobre rodas - em paralelo com aquele que é permanente e estável -, sendo conduzido pelo país e propondo experiências para as pessoas.

Deixe-me contar algo: começamos há algumas semanas o que chamamos de *Videomobil* - um pequeno ônibus com uma tela portátil, um projetor e um sistema de som. Começamos por algumas poucas vilas: dirigimos até lá, instalamos o cinema-como-situação no meio delas e exibimos, por mais ou menos uma hora, curtos filmes de arte, derivados de uma grande coleção de vídeo; alguns eram divertidos, outros poéticos e reflexivos, alguns críticos. As pessoas da vila foram a audiência, jovens, velhos, gente com maior intimidade com as linguagens artísticas ou não. Mas claro, depois de uma noite inteira, aquilo já não era mais sobre os filmes da coleção de vídeo-arte, não era mais sobre o *Videomobil*, nem sobre a Kunsthaus, mas sobre pessoas encontrando pessoas. Tendo contato umas com as outras, conversando entre si, falando e ouvindo. Chegar lá como alguém estranho, sair de lá como alguém amigo. Estar presente pessoalmente, conversar e rir com eles. Nos erguemos ao levantar outras pessoas.

Muito afetivamente, querido Paulo!

Ines

Querida Ines,

Espero que esta carta te encontre bem, de verdade, já que há muito temos dito coisas como “Eu espero que você esteja bem apesar de...”. Então, talvez seja a hora de simplesmente desejar que as pessoas possam estar bem, que as pessoas tenham direito a alguma felicidade, mesmo que baseada em pequenos prazeres e afetos, talvez especialmente quando for assim. Caso contrário, estaremos todos condenados ao colapso psíquico e provavelmente fora de nossa melhor forma para lutar contra as contradições e injustiças que nos tiram o fôlego. Mas claro, as coisas são bem mais complicadas do que isso e a saúde psíquica não pode ser pensada apenas em escala individual - ela resulta muito mais de construções e desmanches sociais do que podemos imaginar. No presente, isso provavelmente implica que nós ainda tenhamos que lidar com esse “apesar de” por algum tempo, um longo tempo. Mas também significa que a arte pode ter um papel relevante a desempenhar.

Talvez, o aspecto mais magnético da arte seja a possibilidade de senti-la como uma experiência pessoal profunda, ao mesmo tempo em que ela é, ontologicamente, um artefato social.

(Eu também tenho dois meninos aqui em casa, o mais novo tem um ano e meio. Ele estava chorando um pouquinho enquanto dormia, e eu fui checar se ele ainda estava com o cobertor; agora que eu voltei para o computador, vejo que minha frase anterior soa muito assertiva e teórica. Deixe-me tentar outra vez, de maneira mais leve: é impressionante como, em determinadas situações, certas canções de amor parecem ter sido escritas para você, e só para você; entretanto, se você realmente pensa sobre isso, você percebe que essas canções são produtos de décadas (séculos) de memória coletiva posta para atuar em um certo contexto histórico e social... mas aí você as escuta de novo e isso simplesmente não importa, pois elas são o recipiente perfeito para todas as emoções que você guarda dentro de si. Isso é realmente mágico).

É por isso que a história do Migros e a iniciativa do *Videomobil* são inspiradoras. Sabe, houve um momento em que Walter Zanini, que é reconhecido no Brasil como um dos grandes pioneiros na prática curatorial, esteve à frente do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), ficando responsável por essa incrível coleção de Arte Moderna (que era originalmente do Museu de Arte Moderna (MAM-SP), mas essa é uma longa história). Nessa época, ele sentiu que havia um abismo

entre as oportunidades culturais na cidade de São Paulo em relação às cidades do interior do Estado, e organizou dezenas de exposições itinerantes em cidades de pequeno e médio porte. Em 1969, sua prática o levou a uma ideia: o *Trem de Arte*. Era para ser um vagão de trem adaptado como espaço expositivo, que viajaria pelas linhas férreas que conectavam São Paulo a outras cidades, parando em cada lugar por uma semana antes de seguir seu curso. Negociações foram feitas com as companhias de trem e Lina Bo Bardi até desenhou o vagão remodelado, mas a ideia acabou não saindo do papel.

Isso me faz pensar em outro projeto não realizado. Em uma carta sem data, dos anos 1960, Lygia Clark falou sobre sua frustração com os espaços convencionais de exposição, e mencionou que estava considerando fazer uma mostra com os seus *Bichos*, os quais seriam transportados por um veículo de maneira independente e autóctone. Imaginando-se viajando pelo território português em contato direto com um público não-especializado, ela escreveu “Faria fotografias de cada local de exposições e levaria vários *Caminhando* para que eles participassem em busca do próprio caminho. Compraria um trailer que se chamaria ‘caminhando’ e faria uma espécie de excursão de ciganos. Como eu adoraria!”. Eu também adoraria. Você não?

Eu estou enviando para você como anexo a imagem de uma ação de Lygia Clark, *Nostalgia do Corpo: diálogo*, que ela realizou na II Bienal da Bahia (1968). Eu nunca encontrei muitos detalhes sobre mas, do que pude compreender, a ação se dá como um diálogo silencioso entre duas pessoas que estão de frente uma para a outra; uma das pessoas segura uma pedra e a outra usa de suas mãos para criar um abrigo sobre ela, sem realmente tocá-la. Esse gesto inspirou Caetano a escrever os versos “If you hold a stone/ Hold it in your hands/ If you feel the weight/ You’ll never be late/ To understand”.

No Brasil, a eleição presidencial de 2018 foi um tanto traumática, já que dela emergiu um virulento discurso de ódio recheado de homofobia, intolerância religiosa, transfobia, misoginia, autoritarismo, racismo e assim por diante. Naquele período eu era um dos orientadores de um grupo de estudos para artistas, e dar aulas foi ficando cada vez mais difícil. Todo mundo estava estarecido e temeroso por si mesmo e pelos outros, e muitos dos encontros foram “perdidos” apenas digerindo o que estava acontecendo. Às vezes, falar sobre as coisas já não era suficiente e tínhamos que ativar o corpo em busca de uma sensação de presença. Em

um desses momentos, convidamos os estudantes a fazer a reinterpretação de *Nostalgia do Corpo*. Nós tínhamos pedido para que cada um deles trouxesse uma pedra para a aula. Eles formaram pares. 10 pedras foram acolhidas por 20 mãos. 20 pessoas juntas, olhando umas para as outras, criando pequenos campos de calor em silêncio. Não sei bem como caiu para cada um que estava lá, mas eu não vou esquecer daqueles segundos em que, juntos, conjugamos o cuidado e a lembrança de que ninguém nunca está realmente sozinho.

Com afeto,
Paulo

Querido Paulo,

Que bonita, poética e esperançosa a imagem que você me passou com essa reinterpretação de *Nostalgia do Corpo* - um símbolo para dar abrigo e cuidar. Muito obrigada! Se conecta, de alguma maneira, com a imagem do *Huddle* [Amontoados], da Simone Forti - erguendo uns aos outros, cuidando e estando perto.

Foi também prazeroso aprender sobre o projeto *Trem de Arte* iniciado por Walter Zanini, mas nunca realizado. Sabe, esse é um pensamento que me veio recentemente, por conta de todos os novos formatos que testamos para estar em contato com o público durante a pandemia e museus fechados: nós precisamos de museus e paredes expositivas para mediar a arte? Sim e não, talvez, não só, eu acho.

A crise - política, sanitária, individual - nos leva a pensar de modo essencial. Imagino que a ideia do *Trem de arte* tenha sido inventada em tempos de crise, assim como o experimento com seu grupo de estudos se deu em um contexto de crise. Mas há algo que, para mim, ficou evidente enquanto te lia, com palavras vindas de um ângulo diferente do lugar do mundo em que estou sentada e escrevendo esta carta: mesmo que, nos últimos meses, tenhamos todos nos tornado experts em digitalização, não há nada que substitua o momento da presença física. Estou aqui pensando na pedra entre a mão das pessoas - essa experiência física do corpo, estou certa, não poderia ser substituída por uma descrição, um vídeo, ou uma imagem compartilhada com o seu grupo.

Isso me traz de volta para onde começamos e o que nos colocou juntos: a revista digital **presente** e sua correspondência com Anna Maria Maiolino - não seria a revista algo como um *Trem de arte* internacional? - apta a parar em qualquer lugar em que se faça necessária, a cruzar qualquer fronteira, qualquer país, alcançando as pessoas sem nenhuma restrição, não importando se estão familiarizados ou não com o sistema de arte. Sou persistentemente grata que uma dessas paradas tenha sido, e ainda seja, Basel, respectivamente Baselland, com a oportunidade de tê-la disponível em sua versão impressa, suave e presente em mãos, talvez sem a necessidade de um abrigo, mas dando abrigo.

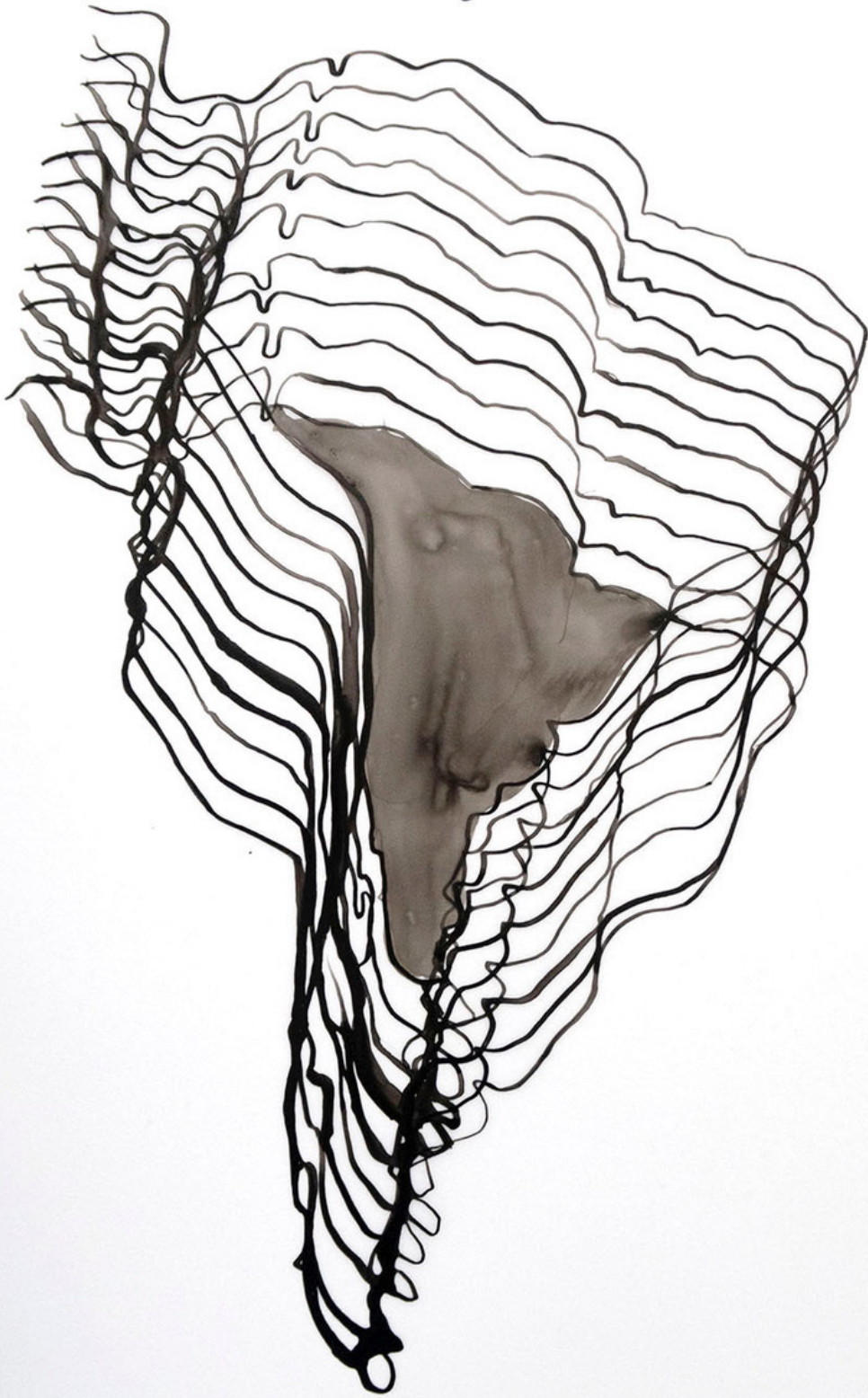
Enquanto caminhava pela exposição outro dia, vi um grupo de crianças passeando, discutindo, falando, mas também parando em frente a um trabalho da Anna Maria em silêncio. Não consegui evitar de tirar uma foto de três delas. Te trago essa imagem porque a foto feita por Anna

Maria fala bastante sobre conexões entre gerações, como está tudo em um fluxo, em conexão - o amanhã não pode acontecer sem o ontem, não é assim? Ao levantarmos as gerações viventes neste momento, mais jovens, mais velhos, nós erguemos o porvir.

Deixe-me terminar fazendo uma conexão com a maravilhosa citação do Caetano Veloso que você me enviou (“If you hold a stone / Hold it in your hands / If you feel the weight / You’ ll never be late / To understand”) olhando para a série *Vida Afora*, que incluímos na exposição da Anna Maria aqui na Kunsthaus: se você segurar um ovo, segure-o em suas mãos e sinta a fragilidade da vida e do corpo, ao mesmo tempo em que percebe sua beleza e perfeição.

Querido Paulo, que a **presente**, seu trem inspirador, viaje com muitas, muitas paradas pelo mundo, coletando muita criatividade e bons pensamentos pelo caminho, equipado com impulsos artísticos.

Com afeto e esperança de que possamos ter mais trocas em um futuro próximo,
Ines



Conversa iniciada em uma “nuvem”, a seguinte troca se estabelece ao redor do livro *Poesia+*, de Edimilson de Almeida Pereira. Com a premissa de que o poema é também escrito por aquele que o lê - assim como o trabalho de arte o é porque alguém se coloca em relação -, Marina e Edimilson vão criando fricções entre suas pesquisas, fazendo com que autor e leitora teçam juntos desdobramentos para os versos ao desembocarem em assuntos como geografias, fronteiras e a dissolução desses traçados para a reinvenção de outros e novos territórios.

1

Ler **Poesia+** foi (e continua sendo, porque sigo retornando ao livro) uma experiência profunda e rara. O encontro com o teu texto refundou em mim uma noção de país, formando uma outra geografia para lugares que antes pareciam conhecidos. É como se a escrita provocasse tremores na terra, abrindo o solo para outros relevos. Em tempos de tantas perdas, tristeza e revolta de ver o projeto de destruição em curso, a tua escrita sustenta um lugar de potência, onde a erudição tem os pés na terra, onde o som dos cantos é um convite para uma dança em roda.

Ao longo dos anos escrevi vários poemas que têm o país como tema. Há neles o retrato de um lugar que pode ser o nosso ou, metaforicamente, um outro território onde vivemos nossas experiências históricas. Nesses poemas, ressoa uma voz poética ácida, que vê o país como um lugar em ruínas. Os poemas se voltam contra a imposição de fronteiras, sondando uma outra geografia, porosa, que ainda precisa ser desenhada.

Quando respondeste à minha mensagem comentando que o leitor segue numa coautoria com o escritor, pensei nesse movimento de dança, no gesto de estender a mão ao outro para entrar numa ciranda, na partilha de mundos através do texto.

Penso a poesia como um território de partilha, mesmo quando ela se expressa no poema como resultado de um mergulho pessoal do(a) poeta. Quando o leitor lê, escava as muitas camadas

de um poema - algumas desconhecidas mesmo ao próprio poeta, alimentando um jogo de ocultamento e revelação de significados, imagens e percepções do mundo. Isso me faz pensar que o poema está sempre começando, de mãos dadas com o desconhecido.

Leio poesia como se observasse um trabalho que tem uma dimensão temporal única, construído através de sedimentação e erosão - a aproximação de palavras através do lento acúmulo, a redução que leva à síntese. Mas nas tuas poesias ouve-se ainda um canto, uma espécie de canção que modula uma certa cadência.

A essas alturas, vislumbro o que é intervenção do acaso e o que é consciente na minha poesia. No primeiro caso, os abalos violentos e imprevisíveis do imaginário geram significados inesperados; no segundo, provooco esses abalos e tento, na medida do possível, dirigi-los para produzirem um certo significado que me interessa. Nos dois casos, há uma cadência que emana ritmos culturais diversos: um canto sagrado tradicional, um blues, uma síncope do cancionista popular. É um canto largo e incerto, que flutua em espiral para uma dança imaginada.

Penso no texto "O que danças?". A dança como um encontro entre corpos em comunhão com os lugares: a dança marca o pensamento, é um modo de estar-no-mundo, como se os corpos no espaço deixassem rastros e fossem marcados pelos movimentos, assim como a poesia surge dos rastros das palavras.

Esse poema foi escrito a partir de uma informação etnográfica, que se refere a comunidades nas quais uma pessoa, querendo saber de onde vem a outra, lhe pergunta "O que danças?" Isso demonstra que a dança é um elemento fundante do sujeito e está, em importância, no nível daquelas outras perguntas: "Qual é o seu nome?", "De onde você vem?". Assim como o nome e o lugar, a dança é também um rastro a ser seguido para o caso de quisermos saber quem somos. A questão é que os ventos do esquecimento incidem sobre os rastros. Dançar, ter um nome ou um lugar, nem sempre é garantia de revelação do que somos.

A depender das circunstâncias, são índices do que já fomos e promessa do que poderemos ser.

2

Recentemente, ao desenhar as fronteiras políticas da África [os desenhos são para Songlines, onde as fronteiras políticas dos continentes são postas lado a lado formando uma linha contínua, para então serem transformadas em música], pensava sobre a violência que é visível no próprio mapa, como os traços retos que dividem alguns países da África - marcas da violência do colonialismo. É perturbador desenhar essas fronteiras, mesmo que seja apenas reproduzindo o desenho de um mapa.

É importante interrogar a relação dos mapas com o momento histórico em que são desenhados. No caso do neocolonialismo que reconfigurou os territórios africanos, ou no traçado que molda os bairros de nossas cidades, é possível ver duas violências: a da invasão e gentrificação, e a da incisão sobre o papel ou tela gerando o desenho de um mundo racionalizado. Mapear é, simultaneamente, domesticar e violar um território. A partir daí, as sociedades decidem quem fica no centro e à margem. Por analogia, fazemos algo parecido com a linguagem, ainda que tenhamos as melhores intenções. Somos mapeadores do significado.

As linhas de um mapa narram histórias, mas não nos conciliam com o passado. No Brasil, essas linhas de fronteira não estão necessariamente na nossa cartografia "oficial", mas existem enquanto modo de invisibilizar mundos. Quais rearticulações de pensamento podem abrir caminhos para traçar outras linhas, desfazer fronteiras? Como fazer uma revolução das narrativas?

A violência dos processos de colonização e gentrificação exige uma resposta desesperada, já que pessoas sofrem, são humilhadas e mortas por causa de fronteiras.. Mas, a arte tem os

recursos para uma resposta pragmática? Um poema derruba uma cerca eletrificada, uma canção concede asilo a um refugiado? Objetivamente, sabemos que não. Porém, sem a miríade dos gestos e práticas artísticas nos sentiríamos menos capazes de sonhar e, assim, de articular formas concretas de reação à violência das fronteiras de exclusão.

Ainda sobre fronteiras e narrativas, uma questão que me assombra: a definição de fronteiras envolve construções narrativas que alteram a relação das populações originais das regiões divididas.

Em países que tiveram suas fronteiras definidas a partir da imposição colonial, a linha fronteira que divide regiões inteiras ignora as comunidades locais, os fluxos tradicionais de trocas, circulações, etc. São processos marcados por disputas silenciadas ou esquecidas, nas quais os povos originais são sistematicamente oprimidos até um aparente apaziguamento das tensões, criadas pela imposição de fronteiras físicas e simbólicas.

O processo de apagamento cultural está implícito no processo de demarcação de territórios, assim como a noção de fronteira ultrapassa as definições geográficas quando socialmente e historicamente interiorizada.

A pergunta que permanece urgente é como desfazer essas fronteiras que não são demarcadas nos mapas, mas estão introjetadas nas narrativas??

Fronteiras de territórios nacionais são, via de regra, fruto de momentos histórico-sociais específicos, quando a composição de forças para a formação de um Estado faz do sacrifício de alguns a condição para a organização da vida social de outros. Você apontou bem esse processo e a sua contradição inerente, ou seja, o que é afirmação da história nacional para um grupo vem a ser, por consequência, a restrição ou apagamento cultural de outros grupos, em geral, os menos favorecidos. A imposição preside esses capítulos da história, revelando uma estrutura comum aos processos de base colonialista ou imperialista: o uso da violência para fortalecer

uma centralidade político-administrativa em detrimento da convivência social que aproxima o humano de si e de outras formas de vida para além de uma demarcação territorial. Em face das forças neoconservadoras que assaltaram as democracias na contemporaneidade, não se vê, a curto prazo, mobilizações capazes de tornar as fronteiras mais porosas, ao contrário, infelizmente, muros e cercas físicas, ideologias e aparatos de repressão têm revigorado antigos obstáculos à circulação de pessoas e de suas práticas culturais.

3

Leio os seus textos e observo que geografias se desdobram, multiplicam, explodem o mapa desde um lugar vivido, desde um lugar do encontro com o outro. Mapas que traçam influências, lugares, paisagens, nomeiam pessoas, ancestrais, anotam também danças, silêncios.

Ao falar de rastros e esquecimentos, vejo uma inscrição profunda se construir em TRÊS TIGRES:

ESTEBAN MONTEJO E de meus riscos, que ordenam dizendo ser meu espelho? Palavra ilha armadilha, o nunca saber se o escrito é o dito. E, no entanto, floresce literatura furta-cor. Que eu mesmo, de tanto esquecer, talvez, tenha inscrito.

(Impossível não pensar em Esteban Montejo fugindo do trabalho escravo nas plantações de cana-de-açúcar, lutando pela independência de Cuba. A história de um homem que se confunde com um século).

É interessante você falar de “geografias [que] se desdobram” e “explodem o mapa”. Estabelecer uma cartografia física (dos territórios) e emocional (dos nossos sentimentos) é inerente à nossa história de indivíduo e de coletividade. Porém, os territórios e as emoções - que podem ser vistos como as geografias do mundo e do ser - deslizam, adquirindo formas e sentidos que nossa cartografia registra parcialmente. É instigante explorar

esses deslizamentos, ainda não nomeados, embora pressentidos. A polissemia da linguagem poética é válida para essa investigação, pois, ao mesmo tempo que revela alguma paisagem (física ou emocional), indica que ela desvanece diante dos nossos olhos. A linguagem poética ficcionaliza os territórios, move e, às vezes, remove as fronteiras. Por isso, não tenho os poemas como mapas para a decifração da história ou das nossas emoções, mas como geisers que explodem e baralham as formas, enquanto tentamos aprender a reconfigurar o mundo.

Releio "Diário", dedicado a Lima Barreto, e a última estrofe me acompanha por dias:

*"Impossível dormir
como se o mundo não gestasse
a separação do arco-íris"*
(p.97).

E ainda, em "O jogo travessia" (dedicado a Benjamin Moloise):

2/ O PAÍS

*existe um país
mas o rasgam*

*e as coisas ameaçam
desaparecer*

*o carvão
não pode sorrir*

*em podres
insetos*

*o país é um assustado
gesto de procura
que procuro*

Se há muitos passados a serem reconstruídos, podemos pensar em muitos futuros possíveis? Penso numa outra costura que conecte narrativas diversas de passados silenciados em direção a amanhã que se desdobram a partir de outras perspectivas. Como costurar no presente o arco entre esses outros tempos?

Embora a materialidade do passado esteja dada, isso não significa dizer que não possamos recuperar sentidos novos dentre as suas camadas culturais. Sei que é um desafio afirmar isso porque, em geral, escava-se o passado para extrair modelos que alimentam o conservadorismo. No entanto, esse é um lado da moeda. O outro pressupõe aprender do dele o realinhamento de valores e práticas que nos trouxeram ao presente como sujeitos inquietos e imaginantes de futuros. Saber o porquê dos acontecimentos e das escolhas que fazemos implica assumir responsabilidades com a sociedade que se deseja construir; implica ter interesse por histórias que não são as nossas e confrontar as forças obscurantistas que ameaçam a liberdade de pensamento.

(...)

2. UM HOMEM VAI SEM A PERNA

*como um navio que, aberto os porões,
aderna.*

Sua gramática é esta.

De falta em falta a história se acumula.

Vão porque há quem os espere.

Âncoras.

Penso nas aproximações (ou contaminações) entre a pesquisa de campo, acadêmica, a poesia, a prosa; entre o trabalho de professor pesquisador e artista, de antropólogo e poeta. Como

a porosidade entre esses campos estrutura o teu pensamento e escrita?

Tenho sido indagado com frequência sobre quais relações são possíveis de se estabelecer entre a pesquisa e a escrita criativa, entre o pesquisador e o poeta. Esse atributo de relacionar diferentes áreas e vozes do discurso pertence a sujeitos de todas as épocas. Na chamada modernidade ocidental, esse atributo veio à cena pública reconhecido como traço de um tempo em que o sujeito é forçado a se dissipar entre múltiplas áreas de interesse. Em consequência disso, atuar de maneira performática, construindo e desconstruindo os significados, explicita tanto nossa potencialidade criadora quanto nossa tentativa de superar a angústia da fragmentação. Esse dilema, tensionado por um público cada vez mais interessado em saber o que há por trás de uma obra, nos caracteriza como sujeitos em deslocamento mesmo naquilo que criamos. Somos a origem e a perda da origem do que realizamos, nos tornamos autorreferenciais e, ao mesmo tempo, chamados às lutas sociais mais contundentes. Daí a porosidade que vai se instalando como um modo cultural (porque construído) de nossas relações com os vários campos do conhecimento. Resultam disso formas híbridas de pensamento, em processo, porosas e avessas à categorizações estanques. É nesse cenário que me disponho a escrever. Porém, dependendo da circulação de tudo o que escrevi para que o público possa apreender esse deslocamento entre gêneros e temas, com olhares múltiplos e tensionados entre si.

Quando falo de estruturas penso em uma raiz, uma estrutura orgânica que se expande em ramificações sólidas e múltiplas, e que está em contato e contágio constante com um ambiente complexo (algo distinto da lógica cartesiana).

Compreendo sua descrição dessa “estrutura orgânica que se expande em ramificações”. Glissant não a chamou de “raiz” mas de “rizoma”. Se a primeira se apoia num eixo, a segunda é a decorrência de uma série de ramificações que se relacionam entre si e com o ecossistema num contínuo processo de expansão.

Ganhos e perdas são parte desse processo, permitindo que ele, em termos de expressão filosófica, se expresse como um pensamento radical de fundação-destruição do mundo, de crítica e autocrítica, de isolamento e diálogo. Essa visão rizomática está na base dos meus escritos. É possível vê-la num poema como “Instrução do homem pela poesia em seu rigoroso trabalho” ou num ensaio como *Entre Orfe(x)u e Exunouveau*.

5

CANÍCULA

Lá fora é um jogo de montar, penso, desde que deixei de acreditar na realidade. Refazê-la é um modo de expor o olho do armador e também a condição para que meus pares, defendidos do risco das grandes lutas, me dirijam seus elogios. A certa hora, quem separou o fio da navalha hesita em erguer pontes: amenizam o exílio, mas através delas os violentos atingem nossa consciência. O que me dizem, meus semelhantes? empenhados em secar o oceano. (...) p.361

Como uma espécie de arqueologia imaterial, a linguagem revela as camadas do tempo, encontros entre povos, amálgamas entre diferentes línguas. Seria o oceano atlântico um território fluido a partir de onde essa arqueologia imaterial pode ser reconstruída? Como refazer a realidade?

Muito linda e apropriada a sua expressão “arqueologia imaterial”, Marina. Obrigado por esse presente. Os oceanos, os pântanos, os campos são territórios fluídos. As pessoas viveram e vivem concretamente neles. Ao mesmo tempo, há nuances de vida e de história que perpassam esses territórios; para apreendê-las é preciso desenvolver instrumentos não palpáveis: pás, espátulas e pinças imateriais que nos ajudem a ver o que subsiste ao mundo material em que vivemos. É na linguagem, acredito, que forjamos esses instrumentos. O poema “Canícula” que você cita, começa justamente por essa percepção. Ao desenvolvê-la, a voz poética não se preocupa em dizer o que é a

realidade, mas em apontar quais são as escolhas que fazemos diante das realidades simultâneas que atravessam nosso corpo e pensamento.

De algum modo, é traçado um mapa de lugares, pessoas, autores, também de histórias, violências, de corpos que foram marcados por todas estas instâncias. “Rastreio para não trair a palavra do meu tempo” (O Bicho, p.99)

Uma trilha de rastros que a poesia escreve, entre *devoção e devoração* a linguagem sustenta esse lugar abstrato que nos une. “Mas o texto captura é o rastro / de carros indo, sem os bois. / A poesia comparece/ para nomear o mundo” (em “Santo Antônio dos Crioulos”).

Essa “trilha de rastros” que cruza o mapa questionando sua racionalidade e que deriva para outro “lugar abstrato”, penso, é uma tentativa de compreender nossa experiência para além dos códigos pré-estabelecidos. Códigos são importantes porque nos ajudam a iluminar sentidos na escuridão. Porém, é restritivo passarmos a vida imersos nessa luminosidade. É preciso também ver o escuro, ser dentro dele. “Nomear o mundo”, sob essa perspectiva, não é ficar preso ao que foi revelado, mas atento ao que se esconde sob ele, em permanente risco de devorar o que conhecemos. Texto e escrita não são linhas fixas que capturam a realidade dada, são traços interrompidos que tentam desenhar um mundo e emendar-se a si mesmos, simultaneamente. Por causa disso, o mundo que desvelam é inconcluso, fruto das frestas que carregam em si. Por causa disso, também, seremos desafiados a preencher - tendo sucesso ou não - as lacunas do nosso pensamento, das nossas formas de relação com o outro.



Todavia é a vigília. Recebamos todos os influxos de vigor e de real ternura.

E na aurora, animados de ardente paciência, entraremos nas cidades esplêndidas.

Arthur Rimbaud

Foi um desvio no trajeto. Na verdade, não havia trajeto, e sim um trânsito que oscilava entre a pressa de dar conta da paisagem e a vontade de ficar.

Mas ainda assim foi um desvio, essa história de ver o vulcão. A via férrea siciliana, que quase não tem bifurcações, me fez voltar a Siracusa, onde eu já havia estado, para poder chegar a Catânia, de onde se vai ao vulcão. Era verão, e era o ano de 2018.

*

Encontrei um tour que me levaria até ele. Partimos de Catânia de manhã cedo, numa pequena van branca que, com breves paradas, torneou a montanha até a base do Etna. Garoava e a neblina densa, que traiu a meteorologia, me deixou de mau-humor: na altura eu achava que queria enxergar tudo o que um vulcão tinha a oferecer. Na altura eu não imaginava que só se vê de fato aquilo que se perde.

*

No meio da subida estacionamos num mirante, de onde não se distinguia nada além de uma árvore pelada e negra no primeiro plano. Tudo era cinza, preto ou quase branco, à exceção de nossas jaquetas corta-vento, as cores sempre festivas das jaquetas corta-vento.

Fotografei a árvore, e então apareceu uma raposa, uma raposinha friorenta e ensopada, aos nossos pés. Friorenta, ensopada e faminta. Nunca tinha visto uma raposa tão de perto; e ela queria mesmo estar perto, talvez tenha sentido a promessa de abrigo das jaquetas corta-vento, talvez quisesse um afago – de nós, os turistas, que pensávamos nas raposas sempre por suas presas.

*

Chegamos à base do vulcão, onde se abandona o carro para enfim poder-se dizer: andei com meus próprios pés sobre um vulcão.

Havia dois velhos no grupo, um casal de alemães, acho que eram alemães, muito alemães e muito lentos e simpáticos. Eu queria chegar logo ao topo, mas também queria abraçá-los, dizer a eles como amo os velhos, toda a sorte de velhos. Gosto cada vez mais dos velhos e sempre esqueço que também os velhos podem ter sido, podem ser gente ruim. O vulcão não distingue velhos de moços, a não ser pelo tempo que cada um levaria para correr dos rios de lava numa eventual erupção. Pode-se dizer que uma erupção é algo *eventual*?

*

É difícil contar essa história, a história de quando estive no vulcão. Seria mais fácil dizer que tudo pareceu um sonho, e de fato foi assim. Um sonho, um sonho sem história, mas de atmosfera.

Não sei se estive mesmo no vulcão, se é possível estar num vulcão, se um vulcão oferece aderência ou soalho.

Espelhada, a palavra *Etna* é: *ante* –“na presença de”.

*

Tirei muitas fotografias do vulcão – a terra preta e surpreendentemente úmida, as plantas algo gramíneas que crescem nessa mesma terra, ignorando a latência da devastação. Acho que a névoa deixou as fotografias mais bonitas, suavizou e emprestou mistério aos vários níveis da montanha e se impôs ao contorno dos homens. Se não há contorno, tampouco há devastação, diz o Etna. *Vocês estão aos meus pés.*

Mas o vulcão rejeita discípulos; seu desafio é mais delicado que o do mar: o mar expulsa, esbraveja, põe à prova, mas também nos leva a alguma parte. O vulcão, não.

*

O vulcão é uma anti-arqueologia. Ele não nos espera, somos nós que o esperamos enquanto ele respira, exalando seu bafo lento e nos dizendo ainda é cedo, ainda é cedo para expulsar o nosso centro. Não diz “não” – diz *ainda não*.

*

A palavra “lava” deriva do latim “labes”: 1. queda, desmoronamento, desabamento; *terrae labes*, desabamento da terra; 2. enfraquecimento do solo; 3. ruína, destruição, infortúnio; *mali labes*: infortúnios; 4. flagelo, calamidade, enfermidade, peste.

*

Aprendi que os montes de lava que se solidificam antes de se chocarem com o solo e restam como rochas cor de chumbo no trajeto do rio de fogo viscoso chamam-se *bombas vulcânicas*.

*

Nada desmoronou quando estive na presença do vulcão. Tudo estava, pelo contrário, bastante estático, até mesmo a névoa era suficientemente densa para não insinuar avanços ou recuos. Mas o olho de ciclope do vulcão está sempre aberto, seu nervo óptico é sagaz como um velho de músculos tesos: não dormita.

*

Diziam os gregos que Éolo teria confinado os Ventos nas cavernas do coração do Etna. O deus dos Ventos, como se vê, enxergou o poder de contenção que tem um vulcão. Só o vulcão é capaz de adiar os Ventos.

*

Um vulcão é o oposto de um museu. Uma casa, nem tanto.

O museu quer entrar num acordo com o tempo: congregá-lo em seus avanços, coincidências, retrocessões e mesmo lapsos. O museu propõe como façanha cada seixo, cada urna funerária, cada vênus barriguda, cada criança mumificada.

Uma casa não é capaz de temperar o tempo; é arrastada com ele. O tempo invade a casa sem cerimônias, sem pagar entrada.

Uma casa é puro sintoma.

E o vulcão – tão estranho à casa, mas tão côncavo quanto ela; o vulcão – tão inapreensível pelo museu. O vulcão *possui* o tempo, e por isso vive à revelia. *O vulcão é a vigília.*

*

Quando criança, à noite, eu olhava para o teto escuro e sentia pavor: uma bomba atômica podia cair a qualquer momento sobre nossas cabeças.

*

Uma vez escrevi um poema sobre uma nevasca que caiu sobre o Saara. Assim diziam as primeiras duas estrofes:

*Novou no Saara
depois de 37 anos;
na fotografia é bonito ver o contraste
caramelo sob branco
formando ranhuras e rios de leite.*

*Imagino que a neve
tenha caído pela noite
quando os hemisférios se encontram
quando as coisas dispensam
qualquer entendimento.*

*

Enquanto perdemos o ar o vulcão respira, inspira e expira e cospe sem ferir. O vulcão nos sugere, boquiaberto, que algo vinga, e respira porque vinga, e vinga porque cospe, e cospe porque quer respirar.

*

No dia 16 de fevereiro deste ano, enquanto ainda dormíamos durante a peste, o Etna entrou em erupção.

O primeiro serviço postal brasileiro, fundado em 1673, se chamava “Correio-mor das cartas do mar”. As cartas eram, a princípio, basicamente anotações de impostos, descrições e estratégias de conquista territorial. Então alguém, um dia, decidiu escrever de si, sobre bem-me-quer-mal-me-quer, da vida em outra borda. O que será que mais interessa ao mar quando, em uma tormenta, engole palavra: a narrativa de um cerco bem (ou mal) sucedido, ou as histórias de um sujeito com saudade de casa? Pelas cartas que afundaram, aprenderam os peixes, será, um pouco sobre nós? Porque essa é uma das justificativas dadas para que possamos ler as cartas das quais não somos destinatários diretos: aprender sobre o tempo-acontecimento com quem o vivenciou, não tratado enquanto discurso público, mas pelas dobras de uma escrita que nasce da intimidade e que busca, antes de tudo, tecer espaço de encontro com quem a lê.

É 2021, e correspondências seguem navegando, mas lançadas agora em oceanos imateriais. Isto que está sendo chamado de carta poderia ser também uma espécie esquisita de rosa dos ventos - já que suas notas não são orientações, mas convites para novas derivas.

ANOTAÇÃO 1

Édouard Glissant é um pensador, escritor e ensaísta de origem martiniquense, e tem sua produção voltada aos estudos críticos dos processos coloniais, principalmente suas consequências nas sociedades e culturas - tanto do colonizado quanto do colonizador. Uma de suas principais ideias é a desconstrução de identidades fixas e unitárias, para pensar processos de identidade que se dão em “relação”, em processos de interdependência que acreditem e valorizem a diferença, não cedendo à homogeneização consequente da globalização. Não à toa, de maneira direta e indireta, será citado em muitas das correspondências. Dentre suas obras, deixo como destaque “A poética da relação” e “Uma introdução à poética da diversidade”;

ANOTAÇÃO 2

O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia é um outro excerto de “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, que poderia estar entre as correspondências;

ANOTAÇÃO 3

69 Salas H&V é um texto e performance desenvolvido pelo Grupo MEXA como parte do processo de residência realizada na Casa do Povo, em

2016. Apresentado como uma “promessa de obra”, o grupo desenvolveu, ao longo de 3 meses, uma série de encontros e laboratórios para discutir questões acerca da marginalidade, partindo das histórias dos integrantes do grupo. Os textos, assim como os registros da performance, estão disponíveis no site do grupo;
<https://www.grupomexa.com.br/>

ANOTAÇÃO 4

Contam que, quando dá meia noite, o São Francisco adormece. Dura alguns minutos, mas, nesse tempo de suspensão, tudo nele descansa: as cachoeiras param, seu fluxo cessa, os peixes repousam em seu fundo. Um bom barqueiro, se sabido, caso esteja no rio nesse horário, deve jogar um pedacinho de madeira na água para ver se ele fica parado; caso não se mova, há de se esperar para seguir navegando. Tudo para não acordar o rio. É também nesse momento de quietação das águas que aqueles que se afogaram no São Francisco emergem para seguir em direção às estrelas;

ANOTAÇÃO 5

O *Movimento HO* é um trabalho apresentado por Eleonora Fabião no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (RJ), em 2016, com curadoria de Tania Rivera e Izabela Pucu. Propunha-se a desenvolver o seguinte programa:

Ocupar com 4.700 tijolos, 3 livros e 7 pessoas as 4 galerias do andar térreo do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, por 7 dias seguidos. Desligar a energia elétrica nas galerias, desligar o ar condicionado e as luzes, abrir janelas e portas e pintar uma das paredes de amarelo 100%. De segunda-feira a domingo fazer e desfazer composições, formar e desformar espaços, mover e ser movidos. Aceitar a ajuda de quem quiser ajudar. Construir, seguir construindo, seguir aprendendo a construir. No meio da semana abrir uma roda de conversa. E, no último dia, transportar os tijolos e livros para a Casa das Mulheres da Maré, um projeto da ONG Redes no Complexo da Maré. Os tijolos se transformarão no quarto e último andar da Casa e os livros farão parte da biblioteca;

ANOTAÇÃO 6

Empunhando um cartaz com os dizeres: *Converso sobre qualquer assunto*, Eleonora Fabião convida os passantes da rua a se sentarem junto dela para que deem início a uma conversa;

ANOTAÇÃO 7

Com organização de Izabela Pucu, Glaucia Villas Bôas e Quito Pedrosa, o MAR (Museu de Arte do Rio) lançou, em 2019, como fruto do ciclo de aulas desenvolvido pelo museu acerca da obra de Mário Pedrosa, o e-book “Mário Pedrosa Atual”. A publicação conta com 14 de artigos de diferentes pesquisadores e professores acerca da obra do crítico, e está disponível para download.

<http://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2019/12/mario-pedrosa-atual.pdf>

ANOTAÇÃO 8

Sobre o capital educando o estômago e o acesso a determinados tipos de frutas, comentado em uma das correspondências, o pesquisador Adolfo Albán Achinte coloca o seguinte: “De toda forma, comer não é por si um ato de todo inocente, ou seja, desprovido de relações sociais e comensalidades. Neste sentido, a colonialidade, em todas as suas formas (de poder, epistêmica, do ser), está presente como dispositivo tanto de enunciação como de classificação alimentar. Se nossa história é marcada por uma taxonomia social, na qual o processo de conquista/colonização hierarquizou grupos humanos pela cor da pele, também é possível dizer que o mesmo aconteceu na representação gastronômica, já que a importação de produtos vindos da Europa tentou, a todo custo, reproduzir gostos, práticas e sabores, em detrimento das comidas e produtos do Novo mundo [...] A necessidade de fazer a manutenção de uma hegemonia sociocultural se refletiu de forma igualada na tentativa de hegemonizar a comida, por imposição ou por tradução de códigos gastronômicos importados, com o objetivo de substituir os existentes [...]”;

ANOTAÇÃO 9

Ver - “Performance e teatro: poética e políticas da cena contemporânea” in Sala Preta, n. 8 (2008); e “Programa performativo: o corpo em experiência” in Revista do Lume, n. 4 (2013), ambos escritos por Eleonora Fabião;

ANOTAÇÃO 10

Ver - *O sono da razão produz monstros*, gravura de 1799, parte da série *Caprichos*, de Francisco de Goya.

ANOTAÇÃO 11

A citação feita por Manthia Diawara pode ser traduzida da seguinte maneira: " O 'imaginário', ao contrário, voa diante das resoluções do colonialismo dissoluto ou irresoluto. São os povos absolutamente oprimidos que, ironicamente, mais facilmente concebem, tanto quanto possível, a necessária superação dos particularismos sectários."

ANOTAÇÃO 12

Pode ser bom, então, tentar resgatar algumas lições deixadas por Lygia Clark: a casa é o corpo; existe cuidado sem contato; é possível exercer o sensível como uma expansão compartilhada da duração e da presença.

ANOTAÇÃO 13

"[...] talvez o tempo ensine
que somos habitantes
de uma comarca estranha
onde já ninguém quer
dizer
país não meu"

trecho de "Comarca estranha", em Geografías, de Mario Benedetti

ANOTAÇÃO 15

Introdução alternativa para a correspondência entre Marina Camargo e Edimilson de Almeida Pereira:

Ler Poesia+ foi como ganhar um presente precioso e raro. Uma antologia poética que abarca décadas do trabalho de Edimilson, sendo apenas uma parte de sua produção. Tive a oportunidade de conversar com Edimilson e discretamente celebrar sua obra. É um privilégio ser contemporâneo de grandes autores / artistas e poder transformar a admiração em diálogo vivo. A conversa com Edimilson de Almeida Pereira aconteceu por e-mail entre maio e junho de 2021.

-

A conversa com Marina começou nas nuvens dos e-mails e do instagram. Uma conversa fluida, que tangenciava alguns temas de nosso interesse comum. Os mapas de Marina, em movimento ou em dissolução, me fizeram pensar na dura situação das fronteiras impostas pela herança colonial e reiteradas, recentemente, no drama dos imigrantes impedidos de entrarem em territórios de maior segurança. Os mapas, assim como as palavras, são

rastros de pensamentos sobre áreas geográficas muito maiores do que as próprias fronteiras. Acho que foi sobre a utopia desse além-fronteira que vimos conversando. Esse diálogo foi um motivo de alegria para mim. Aprendi muito com Marina e o seu sonho de uma terra grande para todos.

ANOTAÇÃO 16

As *songlines* são um modo de demarcação territorial utilizado por diversas nações originárias australianas, em que a organização do espaço se dá por meio de narrativas contadas em ciclos de músicas e danças, performados em lugares simbólicos para a cosmogonia desses povos. Essa sequencialidade de ações acaba por desenhar uma espécie de rastro na paisagem, possibilitando que uma pessoa que bem conhecesse os ritos atravessasse o país guiado por esses mapas tecidos por cantos.

Songlines é também um trabalho da artista Marina Camargo, no qual ela transforma o desenho das fronteiras políticas entre alguns países em partitura musical, redesenhando o mapa-múndi por meio de peças sonoras.

ANOTAÇÃO 17

“[...] Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida [...] o tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então pregam o fim do mundo como a possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. É importante viver a experiência da nossa própria circulação no mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros [...]”, escreveu Ailton Krenak em suas ideias para adiar o fim do mundo. Compor o presente - vazadura em contínua movimentação - é esse lugar de esforço e atenção à própria vida.

Proposição de **Anna Maria Maiolino** e **Paulo Miyada**
 Edição **Paloma Durante**
 Projeto gráfico **Vitor Cesar**
 Diagramação **Julia Pinto**
 Tradução para o inglês **Barbara Wagner Mastrobuono**

Participações edição de agosto de 2021

Davi de Jesus do Nascimento, Edimilson de Almeida Pereira, Eleonora Fabião, Grupo MEXA, Julia de Souza, Ines Goldbach, Izabela Pucu, Manuela Ribadeneira e Marina Camargo.

Davi de Jesus do Nascimento

Presente para peito de peixe, 2021
 Fotografia
 Com colaboração de Caio Esgario

Eleonora Fabião

there is smell of burning in the air - a sci-fi with no-fi [tem cheiro de queimado no ar - uma ficção-científica sem-ficção], 2020
 Performance
 Fotografia: André Lepecki
 Grace Gallery Space

Grupo MEXA

Textão, 2021
 Performance
 Fotografia: Laysa Elias

Manuela Ribadeneira

Detalhe da série *Volcanes*, 2018
 23 x 480 cm

Marina Camargo

da série *Distúrbios*, 2020
 Nanquim sobre acetato
 42 x 59,5 cm

Simone Forti

Huddle, 1961
 Performance - 10 min
 The Museum of Modern Art, New York.
 Committee on Media and Performance Art
 Funds. 2019 The Museum of Modern Art,
 New York.
 Fotografia: Marc Doradzillo. The artist is
 represented by The Box, LA and Galleria
 Raffaella Cortese, Milan.

presente é diagramada
 em papel tamanho Carta
 [279,4 x 216mm]; para
 impressões em papel
 tamanho A4 [297 x 210mm)
 recomendamos configurar
 a impressora para ajustar
 o conteúdo às dimensões
 da página.

contatorevistapresente@gmail.com
 presentepresente.com